



Contos e Casos de Tropeiros e Ferreiros do Jequitinhonha

Raquel Faria Scalco

Camila Teixeira Heleno

Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani

Vinicius José Pereira



PREFEITURA MUNICIPAL
DIAMANTINA - MG
ADM. 2021/2024
Nosso Maior Patrimônio é Você!

Diamantina

2022

RAQUEL FARIA SCALCO

CAMILA TEIXEIRA HELENO

MARIA CLÁUDIA ORLANDO ALMEIDA MAGNANI

VINICIUS JOSÉ PEREIRA

Contos e Casos de Tropeiros e Ferreiros do Jequitinhonha

1ª Edição

Diamantina

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial -Sem Derivações 4.0 Internacional.

Elaborado com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

C763

**Contos e Casos de Tropeiros e Ferreiros do Jequitinhonha / Raquel Faria Scalco [et al]. – 1. ed. – Diamantina: UFVJM, 2022.
90 p. :il.**

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-87258-66-9

**1. Ferreiro. 2. Tropeiros. 3. Contos. 4. Memorial. 5. Jequitinhonha.
I. Scalco, Raquel Faria. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.**

CDD B869.3

**Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Viviane Pedrosa– CRB-6/2641**

Autoria:

Raquel Faria Scalco
Camila Teixeira Heleno
Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani
Vinicius José Pereira

Ilustração:

Gabriel Araujo Ferreira
Elton Wagner Galvão Aguiar

Revisão:

Maria de Lourdes Santos Ferreira
Vitória Líbia Barreto de Faria

Prefácio:

Sebastião Nataniel Silva Gusmão

Colaboração eventual:

Gabriel Araujo Ferreira
Gabrielle Vieira Souza
Jéssica de Sousa Oliveira

Idealizadores do Memorial:

Sebastião Nataniel Silva Gusmão
Juscelino Brasileiro Roque

Agradecimentos:

Aos entrevistados e às pessoas que encontramos pelo caminho trilhado em busca de histórias, fatos, acontecimentos e casos sobre os ofícios dos tropeiros e dos ferreiros na região do Jequitinhonha.

SUMÁRIO

Prefácio.....	1
Apresentação	4
1 - Pra começo de conversa	9
2 - Memórias de um tropeiro	12
3 - O peso de uma Canastra	14
4 - Uma tropeira pelas estradas	18
5 - O tropeiro mais velho do mundo	21
6 - A coincidência das aparências	26
7 - Quem tem amigos, tem tudo	30
8 - Imprevistos na viagem de Saint-Hilaire	33
9 - De rancho em rancho	37
10 - O Sol das Almas	40
11 - A boneca e o tropeiro	44
12 - Ferreiro ou tropeiro, cada um com seu valor	48
13 - Em casa de ferreiro, o espeto é de ferro	51
14- O ferreiro pego sem as calças na mão	55
15- O ferreiro que cospe fogo	57
16 - A tenda mágica	59
17- Intendente Câmara: um brasileiro na corrida do ferro	63
Glossário	67
Atividades Pedagógicas	75
Referências.....	84

PREFÁCIO

Sebastião Nataniel Silva Gusmão

Meu pai foi tropeiro e, posteriormente, fazendeiro em cuja propriedade tinha uma fábrica de ferro. Na infância, me encantava ver a passagem das tropas e assistir ao velho ferreiro transformar a pedra bruta em utensílios e ferramentas. Por tal motivo passei a colecionar objetos relacionados a estes ofícios. Toda a coleção foi doada à Prefeitura de Diamantina para constituir o acervo do Memorial do Tropeiro e do Ferreiro.

Os tropeiros tiveram importância decisiva na história de nosso país, especialmente em Minas Gerais. Foram os primeiros agentes de transporte e difusão cultural. Eles abasteciam as vilas e levavam correspondências e informações, sendo, de fato, uma espécie de meio de transporte, correio e meio de comunicação primitivo. Muitas cidades surgiram do local de pouso (rancho) dos tropeiros.

Os ferreiros também tiveram papel fundamental em nossa história, pois representavam a indústria primitiva. Das forjas das fábricas e oficinas de ferro saíam os utensílios usados nas residências, na agricultura, nas tropas e nos garimpos.

Até a metade do século XX, as fábricas de ferro e a tropa constituíam, respectivamente, a indústria e o meio de transporte no interior do Brasil. A moderna indústria tornou obsoletas as forjas e o transporte em muares. Mas o passado construído pelos tropeiros e pelos ferreiros não passou. Continua vivo em nossos povoados e cidades. O Memorial do Tropeiro e do Ferreiro (instalado na própria “casa” dos tropeiros, no Mercado Velho de Diamantina) tem por objetivo cultuar a memória destes

heróis, que ajudaram a construir a história do Brasil, e possibilitar que as modernas gerações conheçam a saga destes pioneiros.

O curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), além do fundamental apoio técnico e científico para construção do Memorial, elaborou a presente obra (**Contos e Casos de Tropeiros e Ferreiros do Jequitinhonha**) com o objetivo de difundir informações e curiosidades sobre os tropeiros e ferreiros.

A obra consta de 17 contos cujo tema está relacionado aos tropeiros e ferreiros. São histórias simples e bem elaboradas, extraídas das raízes de nossa cultura sertaneja. A leitura é agradável, pois retratam nossa essência cultural e são escritas numa linguagem simples, clara e concisa. Os autores traçam com precisão a realidade da época, usando os termos próprios dos ofícios de tropeiro e ferreiro. Para melhor compreensão da linguagem e dos objetos da época é fornecido um glossário no final da obra.

Os docentes e discentes do curso de Turismo estão de parabéns pela iniciativa desta publicação, para incentivar jovens de nossas escolas na preservação da cultura do Vale do Jequitinhonha. A História é um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo sem fim entre o presente e o passado. Cabe às novas gerações continuarem a escrita da história e preservação do passado. Como afirma Cícero, “a história é a mestra da vida e ignorar o que aconteceu antes de termos nascido equivale a sermos sempre crianças”. É a experiência dos antepassados que ilumina e inspira nossa ação para construir o futuro. Conhecer o passado e preservá-lo não é sinal de erudição gratuita, pois o presente e o passado são cerzidos pelo fio da história e da compreensão deste vínculo depende o planejamento do amanhã. Para seguir em frente é necessário olhar para trás.

Preservar nossa memória é garantir que não somos apenas um aglomerado e sim uma sociedade que reconhece seu passado, vive o presente e prepara o futuro. A História vê o passado com os olhos do

presente e mirando o futuro. Como afirma Kierkegaard, a vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente. Ao reverenciar o passado, ambicionamos o futuro. E o futuro está nas mãos (e cérebros) de nossos jovens alunos para os quais foi escrita a presente obra.

No passado, os ferreiros forjaram os objetos e ferramentas necessários para o progresso, e os tropeiros os transportaram, tornando possível o nosso presente. No presente, os autores nos transportam ao passado dos tropeiros e ferreiros, forjando os **Contos e Casos de Tropeiros e Ferreiros do Jequitinhonha**.

APRESENTAÇÃO

“A chegada das tropas era motivo de festa entre os mineiros. Falar em tropa e tropeiros é falar da história de Minas Gerais e do Brasil que, em muitos momentos, é uma só” (SATHLER, 2004, p. 20).

“Desde a antiguidade, e em quase todas as culturas, a metalurgia sempre exerceu esse fascínio, foi considerada uma arte sagrada. Os metais representavam a presença mesma de forças obscuras, desconhecidas, mágicas. Por isso, a fundição dos metais sempre foi rodeada de lendas, crenças e segredos” (IPHAN, 2012, p.91).

A partir do início do século XVIII, quando as minas de ouro e diamantes foram descobertas, as terras do interior da colônia portuguesa na América começaram a ser ocupadas. Os tropeiros faziam a ligação de Minas Gerais com o Oceano Atlântico, contribuindo para a ocupação e integração nacional. Foram os primeiros agentes de transporte, comunicação comercial e social. Dos locais de pousos dos tropeiros surgiram muitas cidades brasileiras. Eles abasteciam as vilas e os pequenos povoados, sobretudo com gêneros alimentícios e utensílios.

Os ferreiros também tiveram um papel fundamental na história de Minas Gerais e do Brasil. Até o início do século XIX, existiam na colônia apenas pequenas *forjas* domésticas. No Alto Jequitinhonha, especialmente na região do atual município de Itamarandiba, foram construídas várias fábricas e oficinas de ferro nas quais se forjavam utensílios usados nas residências, na agricultura, nas *tropas* e nos garimpos. As técnicas utilizadas pelos povos trazidos da África, que já dominavam a metalurgia, impulsionaram a construção dos fornos e *forjas* em Minas Gerais, aliados

ao conhecimento de alguns estudiosos europeus que vieram para o Brasil neste período.

Até metade do século XX, a *forja* e a *tropa* representavam, respectivamente, a indústria e o meio de transporte (de cargas e viajantes) da região do Jequitinhonha. A produção em massa e a moderna tecnologia transformaram a maioria das *forjas* em ruínas. Da mesma forma, os modernos meios de transporte determinaram o fim das *tropas*.

O Memorial do Tropeiro e do Ferreiro de Diamantina nasceu do diálogo entre o Sr. Juscelino Roque (prefeito à época da sua criação) e o Dr. Sebastião Gusmão (médico neurocirurgião e morador de Diamantina), que cedeu sua coleção pessoal para o acervo inicial. Sua criação foi, portanto, uma realização da Prefeitura Municipal de Diamantina e contou com o apoio técnico e científico dos docentes e discentes do curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Destaca-se que a Prefeitura Municipal de Diamantina cedeu a parte inferior do prédio do *Mercado Velho* da cidade (Centro Cultural David Ribeiro) para a instalação do memorial, além de disponibilizar um funcionário efetivo e um contratado para auxiliar na catalogação e disposição das peças e em todas as ações necessárias para a implantação do referido espaço. A parceria com o curso de Turismo da UFVJM teve como objetivo obter auxílio na implantação do mesmo, principalmente por meio da pesquisa histórica sobre os tropeiros e ferreiros de Minas Gerais e da região de Diamantina; do resgate e registro da história de antigos ferreiros e tropeiros por meio de entrevistas; tradução cultural das fichas catalográficas; bem como produção de materiais de comunicação e divulgação científica, alguns deles bilíngue.

Assim, o Memorial do Tropeiro e do Ferreiro de Diamantina foi implantado nas dependências do *Mercado Velho*, local construído em meados do século XIX para servir como *rancho de tropas*, utilizado pelos

tropeiros para descansar e onde seus produtos eram guardados e comercializados. Era ali que os tropeiros se reuniam, preparavam suas refeições, dormiam e comercializavam parte de seus produtos.

Nesse local, um movimento intenso de *tropas* se manteve até as primeiras décadas do século XX, sendo que o tropeirismo continuou a ser, ainda por volta de 1950, um importante fator de articulação econômica e comercial entre Diamantina e outras cidades do Vale do Jequitinhonha e do Norte de Minas. A partir da sua transformação em Centro Cultural David Ribeiro (2007), no local, são realizados diversos eventos culturais como feiras de hortifrutigranjeiros, feiras de economia solidária, venda de produtos gastronômicos e artesanato, apresentações musicais e de danças típicas, encontros de folia de reis, shows e festas tradicionais e populares da cidade.

Assim, criar o Memorial nesse local significa também contribuir para que a comunidade se aproprie ainda mais desse espaço e crie um sentimento de pertencimento e de identidade em relação à cultura tropeira. Além disso, é uma justa homenagem a essas pessoas que ajudaram a construir a história de Minas Gerais e do Brasil.

A ideia é que esse Memorial também trabalhe com algumas atividades interativas e educativas, com roteiros de visitas guiadas para o público escolar, comunidade local e turistas, eventos com a presença de antigas *tropas*, cursos, palestras e oficinas sobre educação patrimonial, entre outras.

Foi nesse sentido que o curso de Turismo da UFVJM, em parceria com a Prefeitura Municipal de Diamantina, propôs e desenvolveu, em 2021, o projeto de extensão intitulado “Educação patrimonial com foco no Memorial do Tropeiro e do Ferreiro” que teve como objetivo sensibilizar a comunidade para o reconhecimento do legado deixado por esses ofícios na região.

Como este material foi elaborado para subsidiar trabalhos de educação patrimonial, para cada conto ou caso aqui apresentado, foi feita uma proposta de temática e de público-alvo. Sugerimos que, para crianças da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, os temas sejam trabalhados por meio de contação de histórias, simplificando a abordagem e introduzindo elementos lúdicos nas atividades a serem desenvolvidas. Ao final do livro apresentamos um glossário construído para explicar algumas palavras ligadas ao cotidiano das tropas e do ofício de ferreiro, para facilitar o entendimento dos conteúdos aqui descritos. Além disso, apresentamos algumas propostas de atividades pedagógicas relacionadas a esta temática.

Assim, este livro de contos e casos sobre o cotidiano dos tropeiros e dos ferreiros foi concebido no âmbito desse projeto, visando difundir informações e curiosidades sobre esses ofícios, de forma lúdica, descontraída e atraente, para apoiar trabalhos de educação patrimonial tanto no Memorial como em escolas de Diamantina e região. Contamos com uma boa dose de criatividade dos membros da equipe, sendo esse livro construído a muitas mãos. Cada caso ou conto foi iniciado por um autor, imprimindo seu estilo. No entanto, quando foram reunidos, os textos foram reorganizados, mesclados, reescritos parcialmente, em um processo de inserção de informações do fazer desses ofícios, além de históricas e culturais do contexto abordado. Esse rico processo impossibilitou identificação de autoria a cada caso ou conto mas permitiu a construção de uma obra de criação coletiva aqui apresentada.

Esses contos e casos foram inspirados em relatos de entrevistas realizadas com ex-tropeiros e ex-ferreiros e com pessoas que conviveram com eles; em referências pesquisadas sobre o tema; em histórias de domínio público; e, em nossas vivências. Porém, não têm necessariamente

compromisso com a verdade. Afinal, como diz o ditado popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Esperamos que estas informações surpreendam o leitor, agucem sua imaginação e o inspirem a conhecer mais sobre esses ofícios que tiveram uma importância singular no contexto econômico e social de Minas Gerais e do Brasil, no século XIX e início do XX.

1 - Pra começo de conversa

Temática: tropeiros, integrantes da tropa.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

A chegada da *tropa* era uma festa e sempre movimentava as localidades. Era anunciada de longe pelos *cincerros* pendurados nos animais. Aquelas *tropas* mais habituais já eram reconhecidas pelos toques únicos de seus sinos, e, quem podia, vinha para a janela ou para a rua ver a chegada dos tropeiros, receber suas encomendas e saber as novidades que eles traziam das suas andanças.

Naquele dia não foi diferente; o *cincerro* anunciou de longe a chegada da *tropa* do seu Domingos, com o menino Benedito na dianteira, montando a égua *madrinha*, que estava toda enfeitada. Trazia um *enfeite de testada* prateado em formato de coração, uma bonequinha enganchada no *cabresto* e o capim havia sido cuidadosamente retirado do *cincerro* para fazer bastante barulho.

Benedito era o “faz tudo” da *tropa* e adorava se exhibir nas chegadas aos povoados anunciando a comitiva. Logo em seguida, chegou o *arrieiro* Manoel, homem de confiança do dono da *tropa*, montado em um cavalo *baio*. Era sisudo e bem relacionado, responsável pelas negociações e por dar as ordens de partida, de descanso e de pernoite. Em seguida, vinha o restante da comitiva, com três *lotes* de 10 animais (costumeiramente, as *tropas* da região tinham de dois a cinco *lotes*) e os demais tropeiros.

Dentre eles estava Ferdinando, *tocador de tropa*, moço bem-apeesoado, zombeteiro e galanteador. Pelas frestas das cortinas, muitas

moças chegavam para ver o rapaz que, apesar da baixa ‘patente’, já tinha fama nas conversas da cozinha.

O povo conta que ele tinha algumas artimanhas para passar com a moça despercebida pelos olhares mais curiosos e fofoqueiros e passear pelos arredores da cidade. Uma vez, colocou um chapéu em uma mocinha que se atreveu a ir com ele, fazendo-se passar por homem aos olhos de todos, contando que “à noite todos os gatos são pardos”. Em outra, ele lhe enfiou uma capa de frio e a levou a se aventurar por alguns becos da cidade. Mas, quanto ao trabalho, ele nunca enganou ninguém e a quem o chamasse de tropeiro ele logo retrucava:

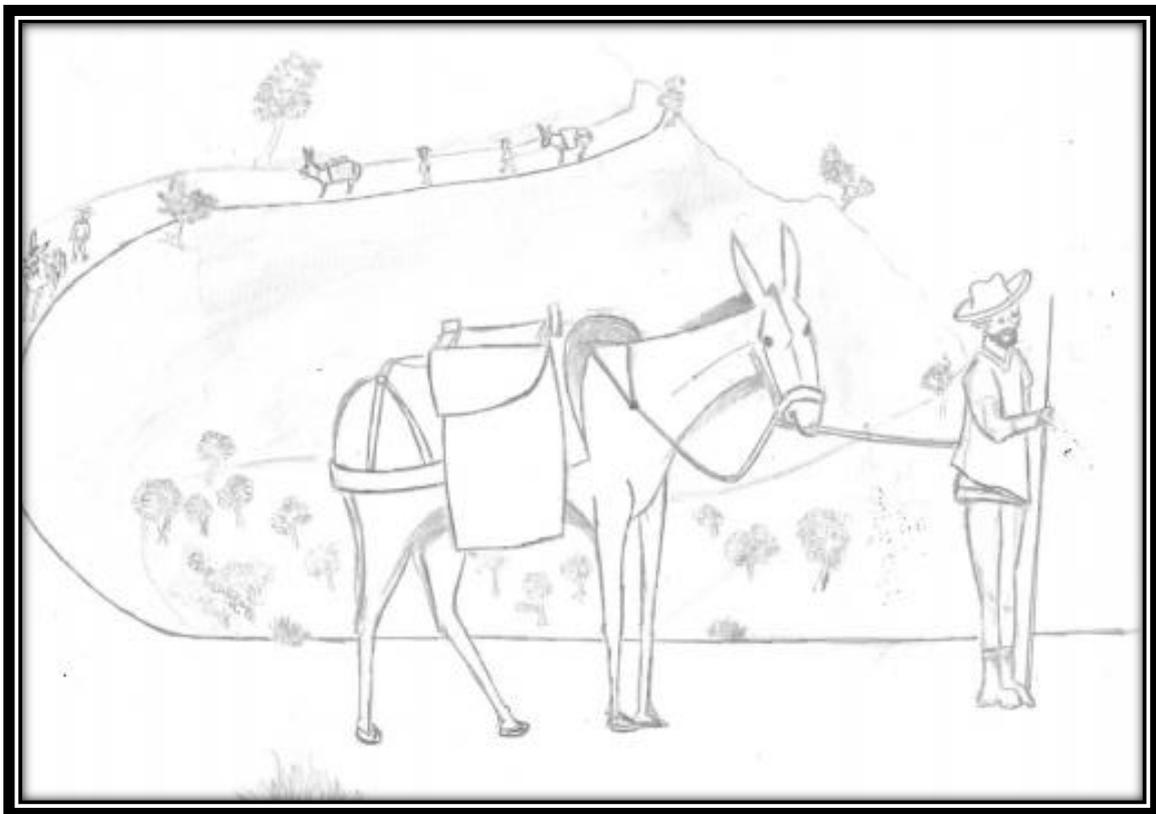
— Eu não sou tropeiro, não. Sou *tocador da tropa*, meu amigo. O tropeiro é meu patrão!

Naquela noite, Benedito caprichou no *feijão bago-bago*. Manoel saiu do *rancho de tropas* para fazer negócios nas vendas e Ferdinando deixou as moçoilas de lado, pegou na viola, tocou e cantou para desafogar o coração:

♪♪♪♪ “Alembro do meu passado, que já vai muito distante
O pai era tropeiro, eu era seu ajudante
A festança na pousada, não esqueço um instante
A tropa parou na estrada, e o progresso seguiu pra diante” ♪♪♪
(música “Parada dos Tropeiros”. Tónico e Tinoco).

Outras pessoas foram chegando e se juntando à roda de viola. Cada qual puxava uma canção ou contava um caso sobre as diversas aventuras vividas pelos tropeiros nos des(caminhos) desse nosso Brasil. Assim, o tempo foi passando. Como já era tarde da noite, foi preciso interromper a conversa gostosa ao som da viola. Logo cedo as *tropas* saíam para suas

viagens, para vivenciar novos desafios e aventuras, pois “Deus ajuda quem cedo madruga”.



2 - Memórias de um tropeiro

Temática: tropeiro, Mercado Velho de Diamantina, mercadorias transportadas, recipientes de transporte de cargas e muares.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Após fazer uma visita ao centro histórico de Diamantina, Jorginho viu o *Mercado Velho* e essa imagem não saiu da sua cabeça até chegar à sua casa. Lá chegando, ainda surpreso com o que tinha visto, foi até seu avô dizendo:

— Vovô, vovô! E aquela construção azul e vermelha que tem no centro de Diamantina? O que acontecia ali?

O avô encheu os olhos de lágrimas e disse:

— Sente-se, meu neto, vou lhe contar uma história...

Jorginho, então, se animou todo e os dois sentaram-se perto do fogão a lenha. Enquanto preparava um café, o avô começou a narrativa.

— Jorginho, ali é um mercado que surgiu com o objetivo de servir de moradia para nós, tropeiros, e para ser um importante ponto comercial para a cidade e região. Sua construção se deu a partir da intenção particular do Tenente Joaquim Casimiro Lage e, por isso, ficou conhecido como a *Intendência* dos Lages, no século XIX, e se tratava de um amplo edifício, que se tornou ponto de destaque no comércio de mantimentos da região de Diamantina. Era ali que a gente dormia, fazia nossas refeições, guardava as cargas e vendia os produtos que a gente trazia.

— E quem vendia produtos lá, Vovô?

— Os comerciantes eram os tropeiros viajantes, como eu. Nós transportávamos *bruacas*, cestos, *arcas* e *canastras* nas *cangalhas* dos

muares, levando, de cidade em cidade, tudo que era solicitado, tudo mesmo. Quando as *tropas* chegavam ao mercado, os animais ficavam do lado de fora, amarrados nos *esteios*, enquanto os comerciantes colocavam os objetos à venda. Jorginho com os olhos fixados no avô, teve dúvidas:

— Vovô, o que vocês realmente transportavam e vendiam ali no mercado?

— Então, Jorginho, a gente transportava e vendia de tudo: arroz, feijão, farinha, açúcar, sal, toucinho, fumo, algodão, lenhas, utensílios de ferro produzidos pelos ferreiros, pedras preciosas, tecidos e várias outras coisas. E como não havia tecnologia como temos hoje, as *tropas* levavam diversas notícias, cartas e até pessoas.

— Pessoas, Vovô?

— Sim, pessoas que vinham estudar aqui na cidade, viajantes que vinham conhecer a região...

— E os cavalos, quem cuidava deles?

— Tinha cavalos, mas tinha muito mais *muares*, que são animais híbridos, quando juntam dois animais de espécies diferentes. O burro e a mula são frutos do cruzamento da égua com o jumento. Também tem cruzamento de cavalo com jumenta, chamado de bardoto, mas é menos comum. Nessas bandas, eram os *muares* que transportavam as cargas. As viagens eram muito pesadas e longas e eles são mais resistentes que os cavalos. Olha o tanto de pedras e serras que temos por aqui! Os animais eram sempre bem tratados, porque sem eles, as viagens seriam muito mais cansativas ou quase impossíveis. Um animal com mais de três anos carregava cerca de 8 *arrobas* e os mais acostumados, de 9 a 10 *arrobas*. Isso dá de 120 a 150 quilos. É muita coisa pra levar por trilha morro acima. Sempre que chegavam ao mercado, as mulas eram descarregadas por dois tropeiros, um de cada lado, para a carga não tombar. Tinham os pelos raspados e algumas tomavam banho de água com sal no lombo, para curar

as *pisaduras*, feridas causadas pelas *cangalhas*. Dali, os burros eram levados para um pasto no bairro da Palha, com comida e água fresca, pelo *ajudante da tropa*.

— E por que eram chamados de burros? Parecem-me muito inteligentes!!! - disse o neto.

— Realmente, eram muito inteligentes e, em geral, mais fortes e resistentes do que os cavalos e éguas. O nome burro veio de muito longe, da península Ibérica. Por lá os asnos, como eram chamados esses animais, tinham comumente a cor *ruça* (avermelhada). Em latim, vermelho é *burrus*. Assim, eram chamados de *asinus burrus* (asno *ruço*) e, com o tempo, apenas de burros. A associação com adjetivo pejorativo, provavelmente, veio de um contraditório desprezo aos animais que carregavam pesos enormes, de sol a sol, e de sua conhecida teimosia.

— Que legal, vovô! Queria muito estar nessas viagens como o senhor. Mas e depois que vendiam toda a mercadoria, o que os tropeiros faziam aqui na cidade?

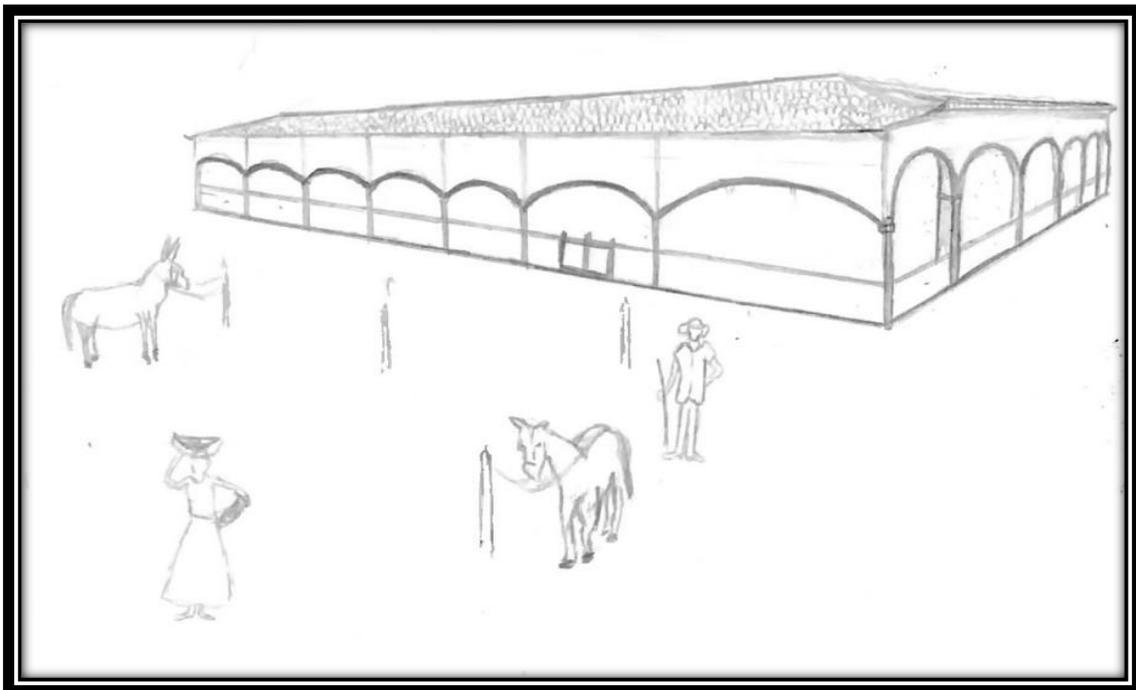
— Hahahaha! Não era tão fácil assim, Jorginho. Tinha que comer muito *feijão bago-bago* para aguentar dias e noites andando pelo velho cerrado. Antes de começar as vendas no mercado, eu ia às casas que já haviam feito encomendas das mercadorias. Mas todo final de tarde, após as vendas no Mercado, eu vinha pra minha casa comer e descansar. Já os outros integrantes da *tropa*, que não tinham casa na cidade, ficavam no mercado, preparando seus alimentos nas *trempes*, feitas pelos ferreiros, e descansavam por lá mesmo. No outro dia, sempre a mesma rotina. A preparação começava bem cedo: buscar os *muares* na Palha e começar a armação das *cangalhas*, para colocar os pés na trilha.

— Nossa, Vovô! Muito legal mesmo! Parece uma aventura! Mas quem eram esses ferreiros que o senhor citou?

— Oh Jorginho, os ferreiros eram homens muito importantes para nós. Eles fabricavam vários materiais que usávamos, tudo empregando o ferro, fogo, *bigorna*, *malho* e outras ferramentas. Mas sim, meu neto, era muito cansativo. Falando nisso fiquei até cansado, com sono, acho que você também. Hora de ir pra cama. Vai, vai, vai!

— Não, vovô, conta mais sobre os ferreiros, gostaria muito de saber sobre eles, contaaaa!

— Isso já é outra história... Não vai dar uma de “mula empacada” e vá logo para a cama!! – disse o avô.



3 - O peso de uma Canastra

Temática: tropeiros, diversidade de itens transportados.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Em uma das noites frias de Diamantina, após ter feito todas as obrigações comerciais no *Mercado Velho*, dois tropeiros – João e Vicente – foram até o Beco do Mota para tomar uma cachaça e comer um torresmo, antes do repouso noturno. Nos balcões das vendas era possível escutar todo tipo de história, contadas pelos clientes e pelo comerciante. João e Vicente estavam por lá contando e ouvindo casos que, de fato, aconteciam durante suas viagens, ao som de uma moda de viola. Vicente, que já tinha feito diversos trajetos durante o mês, bateu no balcão com a mão fechada, pedindo uma dose e dizendo:

— Traz mais uma pra molhar o bico porque a história é longa! João, meu conterrâneo, você não vai acreditar no que aconteceu na semana atrasada.

João, que já se encontrava um pouco tonto, disse:

— Xiiii, lá vem mentirada...

— Que mentira o quê! Isso é pura verdade!

Vicente continuou:

— Estou falando com você que é verdade, uai. Semana passada eu e minha *tropa* estávamos viajando rumo a Diamantina, quando passamos no Serro para comer um queijo fresco e tomar um café. Uma mulher veio me pedir para levar uma *canastra* para Diamantina. Por estar muito pesada, eu não queria levar. Mas, como a moça era formosa e estava pagando bem, eu aceitei. No meio da viagem, depois de subir e descer tantos morros e já

avistava o Pico do Itambé, comecei a perceber que o ritmo da *tropa* estava diminuindo. Desconfiei que era a *canastra* que peguei no Serro que estava pesando e deixando um burro pra trás. Quando cheguei ao Mercado de Diamantina, uma mulher veio correndo para cima de mim, chorando e perguntando se não tinha nenhuma encomenda vinda de Serro. Como a única carga que peguei no Serro foi aquela, eu a entreguei à senhora. Ela e o marido pegaram a carga, abriram chorando e começaram a rezar o “Pai Nosso”. Quando vi, eu quase caí pra trás! Eu nem acreditei no que tinha dentro...

João, já meio dormindo de cansaço, disse:

— Tinha o quê lá dentro, moço?

Vicente, batendo com a mão fechada no balcão, pedindo a última dose, falou:

— Tinha um corpo! Filho morto da mulher que recebeu! Imagina se eu parasse num desses *postos de registro*?!

João se levantou assustado e disse com toda firmeza possível:

— Não acredito!

— Pode acreditar, tô te falando, Tropeiro é homem de palavra! -

Exclamou Vicente.

João, fazendo o sinal da cruz, disse.

— Meu São Jorge! Eu é que não carregava uma carga dessa!

— Se eu não trouxesse, quem iria trazer?! Só tropeiro mesmo para carregar um trem desse! - Concluiu o experiente Vicente, que sabia que para enfrentar essas estradas, só tropeiro mesmo.

4 - Uma tropeira pelas estradas

Temática: tropeiro, mulher tropeira, conhecimento de rezas, plantas e ervas medicinais.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

As *tropas* eram quase sempre formadas apenas por homens, mas ouvi dizer que tinha uma tropeira que fazia rotas pras bandas do Alto Jequitinhonha. Dona Sinhá era conhecida por transportar moças para o Colégio Nossa Senhora das Dores, que era um internato feminino em Diamantina. Ela buscava as meninas na região e as levava para o colégio das irmãs vicentinas. Só ela tinha a confiança das famílias, por ser mulher astuta e enérgica, ter fama de ser muito cuidadosa e atenciosa no trato com as meninas, e manter os homens da comitiva à rédea curta.

Em um dos dias em que estava trazendo três meninas de Rio Vermelho para o internato, uma de suas mulas empacou no meio do *Caminho dos Escravos*. Esse caminho liga Mendanha a Diamantina, por uma distância de cerca de quatro *léguas*, e fora construído a mando do Intendente dos Diamantes Manoel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá. A subida nesse percurso é bem pesada, por isso, era comum os muares apresentarem dificuldades no trajeto.

Assim que passaram por Mendanha, encararam um morro que desafiava a lei da gravidade, e deram uma pequena parada no local conhecido como ‘Graças a Deus’, pois após uma enorme subida, o descanso era um grande alívio. Na hora de retomar a marcha, uma *mula queimada* empacou. A menina que estava viajando nela, com o tranco, caiu do *silião* em cima de um quiabo da lapa, um cacto muito comum por essas

bandas. Então, elas precisaram cuidar da moça. Dona Sinhá a benzeu e saiu à procura de plantas medicinais para fazer um *emplastro* para cicatrizar a ferida.

Ao ver que a tropeira sabia cuidar dos ferimentos, Juliana, uma das meninas que vinham na comitiva, perguntou:

— Onde a senhora aprendeu sobre curar com plantas?

Dona Sinhá começou a contar:

— Minha avó me ensinou a reconhecer as melhores plantas para cada tipo de mal. Quando menina, eu viajava com meu pai e meus tios em uma *tropa* que transportava *lingotes* de ferro dos portos do Rio de Janeiro para essa região. Eles vinham lá de além-mar, da Inglaterra, e eram bem caros.

Juliana retrucou:

— De tão longe assim?! E a senhora não tinha medo da viagem?

— Eu era uma criança corajosa, adorava os desafios das viagens e, como papai não tinha filhos homens, ele acabou me ensinando a me defender e a lidar com os animais, pelos quais tomei grande apreço. Eu era encarregada de cuidar dos ferimentos, tanto dos *muares*, quanto dos integrantes da *tropa* que se machucassem pelo caminho. Quando cresci, resolvi continuar com o ofício da família, mesmo sabendo dos desafios de ser mulher e tropeira.

Depois do curativo feito, Dona Sinhá rezou perto da mula, que desempacou de imediato. As meninas logo se interessaram pela “mágica”.

— Como a senhora fez isso?

— Isso é segredo de tropeiro que aprendi com meu pai. Papai sabia fazer muitos tipos de rezas para lidar com os *muares*. Quando chegava em um pouso e levava os animais para pastar, ele pegava uma varinha, fazia um círculo no chão, ao redor dos animais, rezando, e depois fincava a varinha por perto. Ele nunca teve nenhum burro fujão! Certo dia,

ele estava em um pouso e os animais começaram a se agitar. Dava pra ouvir o *polaque* mais apressado. O dono do *rancho* alertou que poderiam estar fugindo pro mato, mas ele com toda confiança falou:

— Cobra até pode ser, mas garanto que nenhum burro fugiu!

Dona Sinhá continuou a prosa.

— E ele tinha razão; no dia seguinte, estavam todos lá. Papai foi avisando para o dono do *rancho* e os outros saírem da frente, porque quando ele tirasse a varinha do chão soltaria os animais e seria uma debandada que ninguém seguraria. Foi o que aconteceu. Quando ele pegou a varinha, teve mula e burro correndo desembestados pra todo lado... Ele tinha uma reza forte e sabia das coisas. – Dona Sinhá comentou, rindo do caso.

Seguiram o trajeto; a próxima parada era a do almoço, na *lapa*, uma rocha que concedia uma boa sombra e ainda tinha uma água corrente e limpa para os muares matarem a sede. Durante a parada e pelo resto do caminho, Dona Sinhá continuou a contar sobre suas viagens e de como sua família lhe deu asas e raízes e isso deixou as meninas muito interessadas por aquela senhora e pelas histórias que ela contava. Com tantas histórias interessantes, nem viram o tempo passar e chegaram rapidamente ao antigo Arraial do Tijuco. Subiram o *Burgalhau* e chegaram ao Internato junto com a noite, todas exaustas de tantos morros e solavancos.

A partir desse dia, todas as noites, as meninas conversavam sobre a coragem e a independência de Dona Sinhá e sonhavam em conhecer o mundo e viver suas próprias aventuras.

5 - O tropeiro mais velho do mundo

Temática: tropeiro, antigo *versus* moderno.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Em certa manhã fria de agosto, eu estava muito ansioso, pois iria partir para o Arraial do Tijuco, com a *tropa* de Manuel Pereira Braga. Eu nunca tinha saído de Vila Rica até então. Meus pais eram pobres e eu era o mais velho de seis irmãos, sendo dois meninos e quatro meninas.

Viajar com as *tropas* já era tradição na minha família. Meus pais se conheceram em uma dessas viagens pelo *Caminho da Bahia*, transportando toucinho. Minha mãe viajava com o meu avô, desde pequena, em *tropas* pelo sertão baiano. Meu pai, que morava em um pequeno arraial às margens do Rio das Velhas, se apaixonou pela minha mãe e acompanhou a *tropa* que ia para Vila Rica.

Apesar de ser de família humilde, eu sempre frequentava a fazenda de uma rica família, comerciante da cidade, para ganhar alguns trocados e, por isso, aprendi a lidar com animais de carga. Foi, então, que, em uma passagem com sua *tropa* pela fazenda, Manuel Pereira Braga me notou e me convidou para fazer parte da sua próxima viagem ao Arraial do Tijuco. Eu tinha apenas 14 anos naquela época e, pela minha baixa idade, acabei me tornando o *madrinheiro* da *tropa*.

O ano era 1817, e nós iniciamos o que seria uma longa jornada pelo *Caminho dos Diamantes* até o conhecido *Arraial do Tijuco*. Lembro-me que havia um moço francês acompanhando a *tropa*. Não me recordo o nome dele e não entendia muito bem o que ele falava, mas era um verdadeiro amante da natureza, que queria percorrer e conhecer cada

recanto desse nosso Brasil.

Sempre que podia ficava ouvindo a conversa dos homens, pois eu queria aprender tudo sobre as *tropas* e sobre a natureza. As noites eram bem frias e eu só dormia após ajudar a juntar lenha, alimentar o fogo da *trempe*, fazer o feijão, cuidar dos animais e levá-los para um pasto próximo. Geralmente, *arranchávamos* em locais construídos por fazendeiros ao longo do caminho. Antes de o sol nascer, já nos preparávamos para mais um dia de viagem.

Nos últimos dias, após passarmos pela Vila do Príncipe (atual cidade do Serro), onde o francês ficou para uma temporada, eu já estava rezando para chegarmos logo no Arraial do Tijucu. Foi nesse momento, no final da tarde, que avistamos um grande morro. Alguns homens gritaram em comemoração, diziam que aquele morro era o Pico do Itambé e que avistá-lo significava que o nosso destino estava muito próximo.

Sabendo que estávamos bem adiantados, o tropeiro Manuel resolveu que poderíamos descansar mais cedo naquela quarta-feira. Foi, então, que escolhemos um lugar para as mulas se alimentarem e montamos nosso pouso. Quando deitei, no início da noite, o céu estava bem estrelado, mas acordei com uma tempestade não muito comum para o mês de agosto.

Era uma chuva muito forte que pegou toda a *tropa* desprevenida e acabou inundando tudo, assustando e dispersando as mulas. Havia um cheiro muito forte de lenha molhada e dos couros de boi, que eram usados para cobrir as cargas. Mas tudo ficou pior quando houve um clarão muito forte e um barulho muito alto que acreditei ser um relâmpago. Então, eu desmaiei e não vi mais nada daquela noite.

Quando acordei, já era manhã e não tinha nenhum sinal da tempestade da noite anterior. Também não tinha mais ninguém, nenhuma

carga, apenas uma mula se alimentando que, por sorte minha, era a *madrinheira*. Logo pensei que a *tropa* tinha me abandonado ou até mesmo que tinha sido saqueada e os homens sequestrados. Foi, então, que montei na mula, sem sela, e segui rumo ao norte, sabendo que a *madrinheira* iria me mostrar o caminho até o Arraial.

No mesmo dia, já exausto e com muita fome, avistei as torres de algumas igrejas e casas amontoadas em uma serra. Fui me aproximando e percebi que o Arraial era bem maior do que eu imaginava. Foi, então, que, após subir um grande morro calçado com pedras, me assustei e não conseguia acreditar no que meus olhos estavam vendo. Havia uma carroça estranha, andando sozinha, sem nenhum animal puxando, apenas com um homem sentado que olhou pra mim. A mula ficou inquieta e eu comecei a tremer de medo e comecei a perceber os detalhes daquele estranho Arraial.

Havia muitas mulheres nas ruas usando saias um pouco para baixo do joelho e alguns homens pretos, vestindo roupas de rico. Fiquei com muito medo, mas estava bastante curioso. Foi assim que entrei em um beco estreito e fui andando até avistar uma grande igreja sem nenhuma construção ao seu lado. Ela era tão linda e tão diferente! Por um momento eu quis descer da mula e entrar lá dentro para rezar, mas logo percebi que, nas ruas, havia mais daquelas carroças de ferro. Desta vez, estavam paradas, sem ninguém dentro e sem animais para puxá-las. O sol foi se pondo e, de repente, todos os lampiões se acenderam de uma só vez. Não havia fogo nenhum. E eu desmaiei novamente.

Quando acordei, tinha muita gente ao meu redor. Eu criei coragem e perguntei se eu tinha morrido. Um homem riu e começou a falar algumas palavras que eu não entendia muito bem. Eu perguntei se eu estava no Arraial do Tijuco e logo ele respondeu

— Uai, você está no Arraial do Tijuco sim, mas agora essa

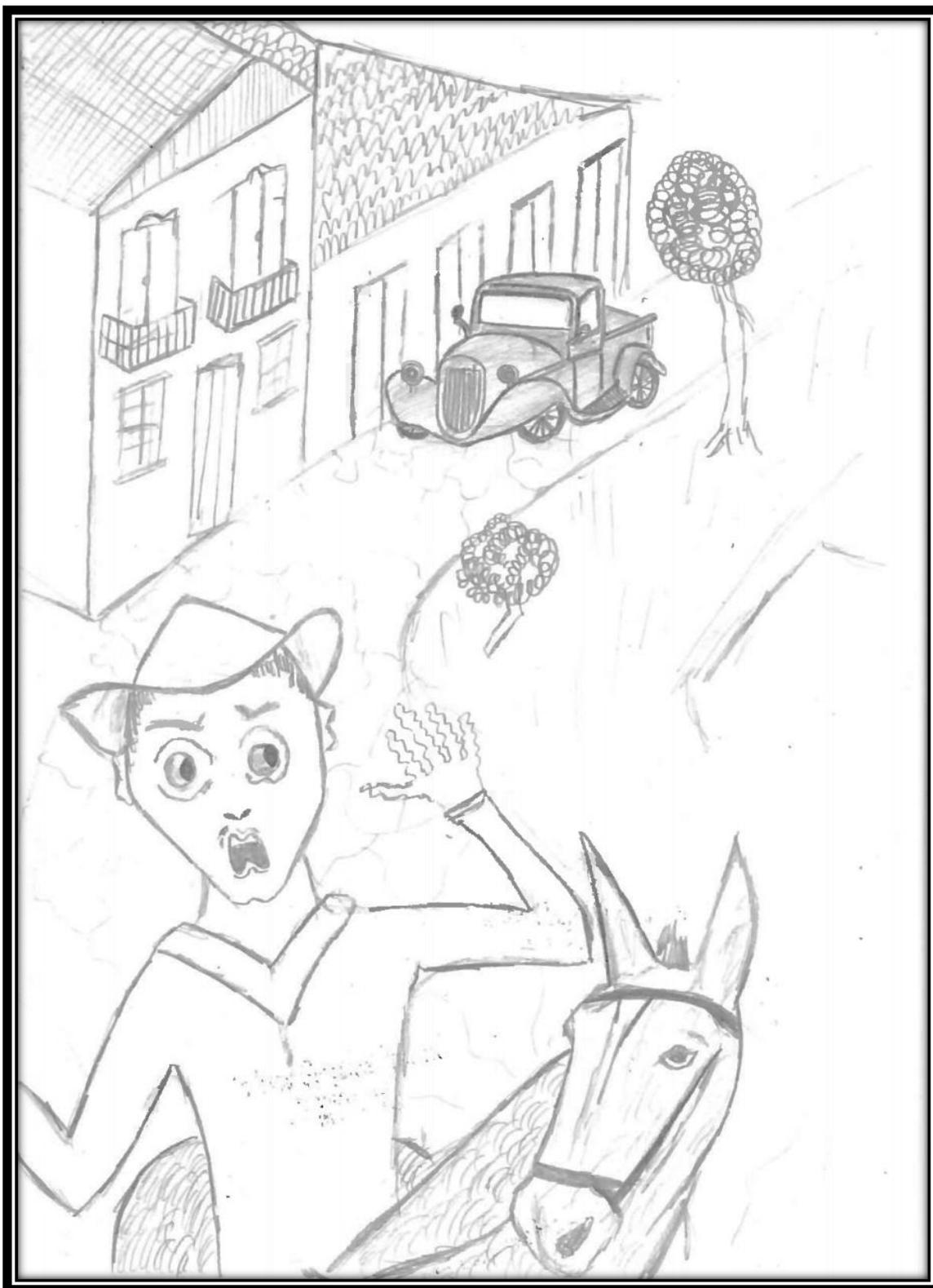
cidade chama Diamantina.

Fiquei desconfiado, pois o português daquele homem era muito estranho e o tropeiro Manuel não me falou que o Arraial tinha mudado de nome. De qualquer forma, eu fiquei mais tranquilo ao reconhecer o “uai” e ter certeza de que ainda estava nas Minas Gerais.

Eu estava preocupado com a *tropa* que tinha sumido e pensando em como eu voltaria para Vila Rica. Pensei que, se ainda fosse quinta-feira, possivelmente a *tropa* ainda estivesse no Arraial do Tijuco, já que a programação era iniciar o retorno para Vila Rica na sexta-feira. Perguntei ao homem em que dia da semana estávamos e ele respondeu:

— Hoje é domingo, 6 de maio de 1956.

Nunca entendi o que aconteceu e como eu viajei 139 anos no tempo. Ou sou o tropeiro mais velho do mundo, ou um viajante do tempo ou um baita mentiroso. Mas saiba você que a *Serra do Espinhaço* guarda muitas histórias dos milhares de viajantes que passaram por aqui e existem mistérios neste mundo que nós não conseguimos ainda compreender.



6 - A coincidência das aparências

Temática: tropeiros.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Durante uma das suas visitas às Minas Gerais, o Imperador Dom Pedro II ficou surpreso ao saber que, nessa terra exótica, havia um andarilho que se parecia com ele. Na sua breve passagem por aqui, Sua Majestade, tratando de assuntos relacionados às ferrovias e à mineração, visitou vários locais que o impressionaram pela beleza natural. Por ser um homem focado no serviço e curioso para saber mais sobre cada ponto visitado, foi passando pelas minas de ouro e pelos garimpos de diamantes para saber como funcionava o processo. Por fim, chegou a Diamantina, onde o garimpo de diamantes era dos melhores e mais rentáveis.

Passeando pelas ruas da cidade, o Imperador foi ficando satisfeito com o que avistava: a estética das casas, a beleza das mulheres, a educação, a devoção e os bons costumes daquele povo. Na Rua da Quitanda, Sua Majestade parou em frente a uma venda e logo um comerciante veio ao seu encontro e falou espantado:

— Chegou cedo, seu Zeca! Aonde vai todo cheio de pompa a essa hora? Achou alguma *faisca* da boa? Vai uma cachacinha?

O Imperador, sem saber o que estava acontecendo, arregalou os olhos e disse:

— Como assim? “Seu Zeca”? Não sabe quem eu sou?

O comerciante coçou a barba, olhou novamente para aquele nobre senhor e reparou melhor na sua aparência e na sua vestimenta. Viu que havia se enganado e se desculpou dizendo que o havia confundido com

um tropeiro que sempre passava por ali para tomar uma cachacinha especial produzida por ele.

Vendo a humildade e inocência do comerciante, o Imperador perguntou:

— Quem é esse tal tropeiro? Onde poderei encontrá-lo? – Estava curioso para saber se era verdade tal semelhança.

O comerciante, incrédulo ao perceber que se atreveu a falar com o Imperador, disse que o tropeiro se chamava Zeca e podia ser encontrado no *Mercado Velho*, explicando o caminho até lá. Dom Pedro agradeceu pela informação e se despediu rumando para o Mercado.

Quando chegou à praça, avistou vários animais amarrados nos *esteios* e pessoas ao redor carregando algumas *arcas* e *bruacas*. O Imperador olhou para sua comitiva e sinalizou para que o aguardassem do lado de fora do *barracão*. Logo avistou um senhor barrigudo amarrando o *cabresto* do *burro* em um *esteio* e perguntou:

— Boa tarde. Tudo bem? Por um acaso o senhor viu o tropeiro Zeca por aí? – O homem barrigudo deu uma leve risadinha e disse:

— Uai moço, eu jurava que você era o Zeca! Já ia cobrar o que me deve. Como não é você, ele não deve ter chegado ainda, ou então, nem chega hoje. Vamos dar uma volta pelo *barracão* para ver se alguém tem notícias dele.

O Imperador concordou e foi entrando com o senhor barrigudo. Percebeu que todos o olhavam de maneira estranha. Talvez por estar com uma roupa inadequada ao local, que estava sujo, com linguças defumando em cima das *trempes*, pessoas deitadas nos *couros de boi*, e um cheiro forte de cachaça e cigarro no ar. De longe, avistou um homem barbudo e descalço, com calças curtas meio rasgadas, uma camisa leve com os botões abertos e um grande chapéu de palha na cabeça e perguntou ao homem que o acompanhava:

— Será aquele o Zeca? Rapaz bem apessoado, mas tão mal vestido?!

O homem barrigudo confirmou que era ele mesmo. Foram chegando perto, até que o tal Zeca gritou:

— Nossa! Não sabia que eu tinha um irmão rico e tão galante assim!!!

Dom Pedro caiu na gargalhada e se apresentou como Imperador. Viu que aquele encontro poderia lhe render boas risadas e convidou o Zeca para um jantar real. Disse ao tropeiro que um de seus serviçais ia lhe dar um trato e o vestiria com trajes reais. Zeca ficou satisfeito e aceitou prontamente o convite.

Na noite do jantar real, Zeca se apresentou com pompa. A noite foi tão marcante e divertida que até virou história. Dizem que lá pelas tantas, Dom Pedro, com o senso de humor nas alturas, falou:

— Acho engraçado que não me lembro de minha mãe ter visitado Diamantina.¹

Zeca, para completar a brincadeira, respondeu:

— Meu pai também era tropeiro. Lembro-me dele ter visitado o Rio de Janeiro e, há muito tempo atrás, ele me contou que já foi até em Portugal com uma dama que ele conheceu por lá.²

Depois de um instante de apreensão, Dom Pedro riu e todos caíram na gargalhada. Qualquer semelhança não é mera coincidência, ou é?!

¹ Inspirado em SANTOS, Joaquim Felício. In. **O MUNICÍPIO**. S.D. Acervo da Biblioteca

² Idem

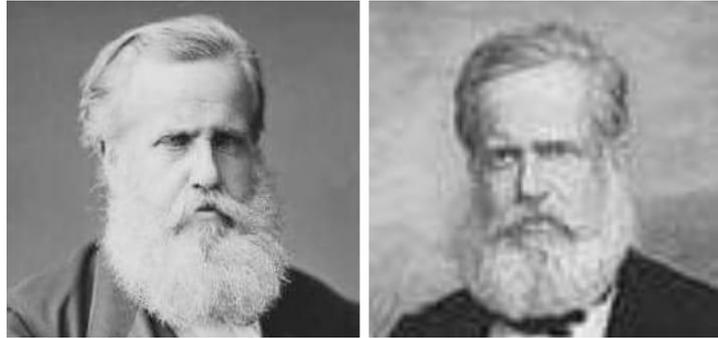


Imagem de Dom Pedro II e o tropeiro vestido com trajes reais.

Fonte: SANTOS, S.D.

7 - Quem tem amigos, tem tudo

Temática: tropeiro, diferença entre os tropeiros de Minas Gerais e do Sul do Brasil.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Durante uma viagem, próximo à cidade de Sorocaba, com destino a Blumenau, a *tropa* do seu Domingos, tropeiro de Diamantina, levava *fazenda* para ser comercializada no Sul. Ele pretendia seguir para comprar uns *lotes* de mula por lá, já que as do Sul tinham fama de ser da melhor qualidade. Passavam por uma trilha estreita e os *muares* estavam arredios, dificultando a passagem. Sempre que um burro empacava, atrasava o ritmo de marcha da *tropa*.

Já para frente da metade do longo trecho estreito, a *tropa* mineira encontrou com uma *tropa* que vinha do sul. Sem saber o que fazer, seu Domingos, com seu grosso bigode, pés descalços, calça rasgada, camisa desabotoada e um grande chapéu de palha na cabeça, disse com todo respeito aos outros viajantes:

— Desculpem o entrave, mas não dá mais para voltar. Já estamos chegando ao fim da passagem estreita e estamos doidos para repousar. Eu sei que vocês também estão cansados, mas se fizerem a gentileza de nos darem a passagem, ficaremos muito agradecidos. Tenho cá um queijo das Minas que será de seu agrado.

A *tropa* que vinha do Sul tinha como *arrieiro* o senhor Bento, usando camisa social, um lenço no pescoço, calça larga e botas de couro de cano alto. Por cima de tudo, para esquentar do frio, usava um poncho e, na cabeça, um chapéu de couro com imagem de São Jorge. Quando

avistou a *tropa* de Minas, ficou enfurecido, tirou a *garrucha* do cinto e ameaçou atirar, pois sempre que passava por ali, acontecia este fato desagradável. Tinha troca de tiros e burros mortos para tirar do caminho. Mas vendo a simplicidade e o respeito do mineiro, escutou o seu pedido, acatou com estilo, abanou o chapéu e mandou a *tropa* recuar.

Após saírem do caminho estreito, os dois tropeiros satisfeitos, apertaram a mão, trocaram um queijo por *charque* e voltaram a caminhar. Seu Domingos, aproveitando a oportunidade, deu meia volta e pediu uma informação de onde era melhor passar, para evitar futuros conflitos. O senhor Bento, que naquele território era muito conhecido, apontou para uma porteira, onde era proibido passar. Mesmo sabendo disso, o sulista disse com todas as letras:

— Pode entrar, aquele terreno é nosso. Se alguém perguntar, fala que fui eu que liberei a passagem para você, para chegar mais rápido.

O tropeiro Domingos abriu um sorriso, desceu de seu cavalo *tordilho* e chamou o Bento para brindar. Tirou de dentro do *embornal* uma garrafa de cachaça, serviu duas doses, que tomaram de um só trago.

O senhor Bento, pra não ficar pra trás, foi até uma de suas mulas, tirou da *bruaca* uma bonita garrafa de vinho, e presenteou seu Domingos, que retribuiu dando aquela garrafa de cachaça ao tropeiro do sul. Os dois caíram na gargalhada, se abraçaram e subiram de volta nos animais para continuarem a viagem.

Seguindo a trilha, o tropeiro de Minas se recusou a parar. Com o pôr-do-sol se aproximando, mandou a *tropa* acelerar. Passando pelo caminho indicado pelo senhor Bento, os mineiros chegaram a um *rancho* arrumado, onde havia uma imensa fogueira. Quando *apearam*, o dono do *rancho* foi recebê-los e perguntou de onde estavam vindo. Após dizerem o nome do senhor Bento, até uma cama foi oferecida. Mas os mineiros, por

serem acostumados a dormirem no chão sobre o couro de boi, recusaram e só aceitaram uma janta, para dormirem de bucho cheio.

Enquanto o homem preparava uma costela feita em fogo de chão, a *tropa* do seu Domingos colocava os *muares* nos pastos e ajeitava os couros de boi para dormirem próximo à fogueira. Quando a costela gaúcha se encontrava no ponto, os mineiros se serviram a gosto. Após comerem tudo, dormiram como reis, sabendo que quem tem amigos, tem tudo.

Conta a história que os dois amigos se encontraram ainda muitas vezes e que, em uma temporada que o tropeiro mineiro passou pelo sul, até fundaram uma bela cidade por lá. Essa foi mais uma que surgiu pelas patas do ofício.

8 - Imprevistos na viagem de Saint-Hilaire

Temática: tropeiros, dificuldades encontradas nas viagens, naturalistas viajando com tropeiros.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, trouxe consigo a abertura dos portos para as nações amigas. Também vieram artistas, viajantes e naturalistas que foram autorizados a vir conhecer e registrar a exuberante paisagem tropical desse novo reino. Alguns deles viajaram pelas regiões mineradoras da *Capitania das Minas Gerais*, para conhecer e descrever seus aspectos geográficos, geológicos, sua mineralogia, botânica, fauna, hidrografia, entre outros que eram de interesse dos naturalistas. Podemos citar alguns nomes famosos que passaram por aqui, como Spix e Martius, George Gardener, Richard Burton, August Saint-Hilaire, John Mawe, Johann Rugendas, Wilhelm Ludwig von Eschwege.

Deslocar-se na *Capitania das Minas Gerais* e por todo o Brasil naquele período, não era tarefa fácil. Para isso, eles contavam com os serviços daqueles que mais conheciam sobre transporte e estradas, ou seja, os tropeiros. Há quem diga que esses foram os primeiros operadores de turismo, oferecendo serviço conjunto de guia de turismo, transporte, alimentação e alojamento. Claro que, naquele momento, todos estes serviços eram prestados de maneira muito precária, sendo o transporte realizado no lombo dos burros e de alguns cavalos; a hospedagem nos *ranchos de tropas* ou em locais improvisados; a alimentação seguia as

tradições da cultura tropeira; e o guiamento era feito com o conhecimento que tinham sobre as precárias estradas da época.

Se os tropeiros foram os primórdios das operadoras de turismo, os viajantes naturalistas europeus podem ser considerados como os primeiros turistas a viajarem pelo Brasil, inaugurando o que, no futuro, viria a ser o segmento de turismo científico. Um desses viajantes escreveu que “*O gosto pela História Natural faz nascer o de viajar,*”³ integrando assim turismo e ciência.

Mas nem tudo eram flores nessa relação entre turistas e prestadores de serviços. Em uma de suas viagens, seguia Saint-Hilaire, viajante francês, naturalista e botânico, acompanhando uma *tropa* que vinha do Rio de Janeiro. Traziam toda a sorte de objetos vindos da Europa que desembarcaram no *Porto Estrela*, para serem comercializados no interior do Brasil, principalmente nas ricas regiões mineradoras, mas vários imprevistos ocorreram.

O primeiro deles se deu pela contratação de tropeiros do Rio de Janeiro. Contam por aí que, além de cobrarem muito caro pelos serviços, aqueles tropeiros gostavam muito de trapacear e de zombar com a cara dos estrangeiros. Em função das dificuldades de comunicação entre franceses e brasileiros, a contratação de tais serviços era bastante complicada. Para fechar negócio, o estrangeiro teve de convencê-los da necessidade que tinha de se deslocar, de que tinha recursos para pagá-los e que sua presença não atrapalharia o serviço de transporte de carga encomendado.

Logo nos primeiros dias da viagem, o naturalista francês foi obrigado a passar mais dois dias em uma pequena vila do interior, por conta do sumiço de alguns animais de carga. Resolvida essa situação, seguiram viagem por mais alguns dias, mas tiveram que interromper novamente por

³ SAINT-HILAIRE. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Ed. Nacional, Rio de Janeiro. 1938, p.17

conta da cheia de um rio que impedia a passagem da *tropa*. Irritado, Saint-Hilaire foi falar com os tropeiros sobre a previsão de seguirem viagem e sobre seus compromissos no destino. Os tropeiros, já desagradados pela presença do naturalista – que muito observava, tudo anotava, e sempre pedia para fazerem pausas no caminho para que pudesse coletar amostras de plantas de seu interesse – começaram a ameaçá-lo de abandono no meio da viagem. Saint-Hilaire, depois de muito se esforçar para se comunicar com eles, reivindicou que o levassem até o próximo pouso, *rancho* ou vila. O tropeiro alegou que, mesmo não sabendo falar francês, tinha entendido que Saint-Hilaire falara mal dele com seu companheiro de viagem. Como não havia tropeiros melhores do que os mineiros, Saint-Hilaire pediu que o levassem pelo menos até a *Capitania das Minas Gerais*, onde pudesse contratar novos serviços. Assim foi feito, e seguiram viagem com outra *tropa* que rumava para o Arraial do Tijuco.

Outro incidente ocorreu mais adiante na viagem, quando ao longe se avistava o Pico do Itambé, que anunciava que o destino estava próximo. O viajante Saint-Hilaire, ao tentar abrir suas malas, percebeu que havia perdido as chaves no caminho. Como não havia meios imediatos de solucionar o problema, seu companheiro de viagem tomou a iniciativa de retornar pelo mesmo caminho que haviam percorrido. Para surpresa desse viajante, no dia seguinte, viu seu criado retornar com as chaves encontradas por ele próximo à travessia do rio. Deram sorte, mas a viagem atrasou ainda mais.

Já quase chegando ao Arraial do Tijuco, alguns animais comeram ervas venenosas durante a noite, pela falta de pastos de qualidade. Dias antes tinha ocorrido um grande incêndio que queimou toda a região. Com isso, alguns *muares*, em busca de alimento, se afastaram do *rancho* durante a noite e um deles foi picado por cobra. O naturalista achou que não haveria solução para os animais. No entanto, os tropeiros tinham vasto

conhecimento sobre tratamentos com rezas, simpatias, ervas medicinais e procedimentos rudimentares para curar gente e bicho. Assim o fizeram, mas tiveram que esperar alguns dias até que os animais estivessem em melhores condições para seguirem viagem.

Mais à frente, o Arraial do Tijuco surgiu de repente, encravado na Serra dos Cristais. Os naturalistas adoravam o arraial, e diziam que não havia paragem onde as mulheres fossem mais bonitas e os homens mais finos e educados. Seus habitantes apreciavam a dança, a música, uma boa comida e um dedo de prosa. Ao chegarem ao destino, tropeiros e viajantes se reuniram no *rancho de tropas* e se iniciou uma roda de viola e todos se juntaram para cantar e contar suas aventuras.

Algum tempo depois, Saint-Hilaire relatou: “*Depois de uma jornada fatigante eles saboreiam o repouso estendidos displicentemente sobre couros e se divertem tocando violão ou contando suas aventuras*”⁴. Muitos outros relatos sobre os tropeiros se seguiram das mãos desse e de outros naturalistas, encantados pela região, contando sobre suas aventuras, descobertas e dificuldades encontradas pelo caminho.

⁴ SAINT-HILAIRE. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz**, Ed. Nacional. Rio de Janeiro, 1937, p.182.

9- De rancho em rancho

Temática: tropeiros, ranchos de tropas.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Em uma daquelas viagens longas, a *tropa* do Seu Bartolomeu passou por poucas e boas para chegar ao destino. Uma das maiores dificuldades foi encontrar *ranchos* para repousar com sua *tropa*. O objetivo era chegar à Vila do Príncipe (atual cidade do Serro) em três dias, mas as dificuldades da trilha não o deixaram concluir o trajeto no tempo planejado.

Já na saída do Arraial do Tijuco, apareceu a primeira dificuldade. Passar pela ponte sobre o Ribeirão do Inferno. Era mesmo um desafio, pois a ponte estava em estado precário, com a estrutura frágil e quando tinha alguma chuva, ainda que leve, como naquele dia, ficava escorregadia como quiabo. Mas para um tropeiro experiente, isso fazia parte de seu dia-a-dia.

Com sua esperteza, Seu Bartolomeu jogou cascalho na ponte e passou devagarinho com seus *muares* carregados de tecido, e de algumas pedrinhas valiosas escondidas nas *fazendas* coloridas. Além de milho para os *muares* e o *‘velho’* (matula de sobras), levava também uma *quarta* de feijão, uma caixa de transporte de café e um torresminho para comerem pelo caminho.

Continuando com a marcha e chegando a hora de *aprear*, a fome foi batendo na *tropa* e de longe avistaram o aglomerado de casas, no Vau. Logo pensaram em conseguir algum *rancho* para descarregar os animais e comer tranquilos. Chegaram na capela do vilarejo e mapearam o lugar com os olhos. Quando avistaram uma placa escrito "Rancho Sempre-Viva", todos se alegraram e apertaram o passo, pois estavam famintos. O cardápio

servido pelo dono do *rancho* estava delicioso, feijão com arroz, chuchu com quiabo, angu e um frango. Todos se alimentaram, *fizeram o quilo* e, enquanto uns conversavam fiado, outros aproveitavam a sombra para tirar um cochilo. Quando o Seu Bartolomeu contou uma meia hora, se levantou e colocou toda a *tropa* para percorrer o povoado oferecendo os produtos que traziam.

No dia seguinte, partiram para São Gonçalo do Rio das Pedras. Chegando lá, já anoitecendo, a *tropa* procurou um *rancho* para descansar. Como já tinha outras *tropas* ocupando o lugar, Seu Bartolomeu e seus homens tiveram que repousar debaixo de um pé de goiaba ali perto. Acenderam uma fogueira, fizeram a ceia comendo um feijão seco com farinha e alguns torresmos e, ali mesmo, dormiram em cima dos couros de boi, de barriga cheia.

Antes do sol raiar, a *tropa* estava sendo montada, ajeitando as *cangalhas*, pendurando as *bruacas* e balaios, verificando as *ferraduras* dos animais e, depois de tudo pronto, começaram a marchar novamente.

Seguiram, até encontrarem outra *tropa* indo no sentido oposto. Todos se cumprimentaram e o *arrieiro* da outra *tropa* perguntou a Seu Bartolomeu se ele conhecia algum *rancho* por aquelas bandas para fazer o pernoite. Seu Bartolomeu indicou o *rancho* de São Gonçalo, e até o abençoado pé de goiaba que os acolheu naquela noite, caso o *rancho* seguisse muito ocupado. Ainda bem que se encontraram em local de estrada larga, e cada um seguiu seu rumo.

A *tropa* do Seu Bartolomeu, antes de chegar à Vila do Príncipe, passou por Três Barras para deixar umas encomendas. Por lá, a única alternativa, mais uma vez, foi repousar debaixo de uma grande árvore que tinha na praça. Fizeram o mesmo ritual de sempre, acenderam uma fogueira no meio da *tropa*, esquentaram o feijão, comeram, contaram uns casos, tocaram uma viola e adormeceram. Os *muares* também foram devidamente

alimentados e amarrados, mas um que se achava muito esperto, conseguiu desfazer o nó e sumiu no meio do mato em busca de um capim mais verde.

Como de costume, antes do sol aparecer na vista, os tropeiros já estavam de pé e ajeitando os *apetrechos*. Quando realizaram a contagem dos *muares*, deram falta de um burro na *tropa* e foram atrás dele no meio do mato. Não precisou andar muito, pois, o *mocambeiro* não foi muito longe, acharam-no comendo um capim próximo ao Rio Jequitinhonha. Quando ele viu os tropeiros, o fujão disparou, e só depois de muita luta e correria eles conseguiram laçar o arisco animal e reagrupar a *tropa* para seguir viagem para Vila do Príncipe.

Devido àquela brincadeira do *mocambeiro*, a *tropa* chegou ao destino já ao entardecer. Foram de *rancho* em *rancho* vendo se conseguiam um local coberto para descansar, já que estavam esgotados pelas últimas duas noites ao relento, aquecidos apenas pelo calor da fogueira. Um senhor daquela Vila percebeu que a *tropa* estava à procura de um lugar para comer e repousar e os chamou para arrancharem em seu *paiol*. Ele acendeu o fogão a lenha com um pedaço de *canela-de-ema*, esquentou uma comida, e serviu para a *tropa*, que comeu bastante e ficou agradecida. Um doce de leite com queijo de sobremesa e já se ajeitaram para um descanso merecido. Na manhã seguinte, saíram cedo para fazer as entregas das mercadorias trazidas e coletar novas para levar de volta para o Arraial do Tijuco.

Chegando no Seu Manoel da venda, ele logo falou:

— Aleluia! Achei que não iam chegar mais! Vieram *andando de fasto*?!

Seu Bartolomeu logo retrucou:

— Seu Manoel, “a gente tarda, mas não falha”. Vida de tropeiro não tem hora marcada, comida pronta ou cama arrumada! Bem faz o senhor na venda, mas eu não troco a vida de *rancho* em *rancho* por nada!

10 - O Sol das Almas

Temática: tropeiros.

Público-alvo: ensino médio e adultos.

Era o inverno de 1941. Daquela vez Ferreirinha estava realmente machucado, por dentro e por fora. Tinha muita, muita raiva. Um dos homens que vinha ver sua mãe tinha lhe batido para valer. Doíam-lhe as costas, a cabeça, e os joelhos estavam feridos da queda pelo empurrão do malfeitor. Com a concordância da sua mãe, o homem o deixou amarrado fora de casa, no toco de prender burros, enquanto estava com ela dentro do casebre. O estômago doía pela fome, mas não tinha vontade de comer. Só pensava em sair dali. Se ao menos tivesse um padrinho...

Os braços magros estavam amarrados por um *cabresto* de couro ensebado, mas os nós não eram muito apertados. Talvez porque o homem estivesse bêbado e, por isso, incapaz de dar um nó cego. O menino esperou que os barulhos dentro da casinha indicassem que o casal estava distraído, desfez os nós e correu. Correu muito, mais do que se poderia imaginar que fosse capaz depois dos maus tratos e da fome.

Passou pela Praça da Matriz; a cidade de Rio Vermelho dormia. Correu muito até chegar ao *rancho* do Seu Zé Tropeiro, que preparava a *tropa* para mais uma viagem a Diamantina. Ferreirinha chegou de mansinho, o céu começava a dar os primeiros sinais da aurora e o frio aumentava. Ele tinha os braços cruzados, os olhos imensos de medo e expectativa e, rodeando a *tropa*, se chegou ao *arrieiro*.

Firmino o conhecia da casa da sua mãe. Perguntou o que fazia ali àquelas horas e por que estava machucado. Ferreirinha, chorando, pediu para que o levasse dali, escondido na *arca* de uma mula. O movimento da

tropa e dos encarregados era barulhento. Os homens cantavam, animados com mais uma viagem. Arrumavam as mercadorias, conferiam os *arreios* e as *ferraduras*, balançavam os sinos da *madrinha* da *tropa* por puro divertimento. Firmino rearranjou os objetos e, em um gesto rápido, alçou Ferreirinha em uma *arca* que tampou com ligeireza. A mula sentiu o peso, ainda que o menino fosse miúdo e magrinho.

O dono da *tropa* acompanhou tudo pelo canto dos olhos. Fez que não viu e, durante todas as paradas da viagem, se afastou da mula para que Ferreirinha pudesse saltar, se espreguiçar, comer e dormir em tranquilidade. Firmino tomava conta, dividia com ele o feijão e a *paçoca* e o cobria nas noites cada vez mais frias, na medida em que as alturas de Diamantina se avizinhavam. Escondido sob o couro de dormir, ouvia as risadas dos tropeiros, sentia o cheiro da cachaça e da lenha que queimava nos fogões improvisados, e dormia ao som do arranjar dos objetos. Pelas manhãs, antes de retomar sua jornada, tomava um café adoçado com rapadura.

Ferreirinha perdeu a conta dos dias e das noites. Dos buracos da *arca* carunchada, olhava os crepúsculos modorrentos no céu vermelho de inverno. Suas feridas se curavam pouco a pouco. Olhava sempre ressabiado em direção ao caminho percorrido, por medo de que lhe procurassem. Sentia saudade da mãe? Não sabia. Sabia apenas que lhe batia forte o coração por não saber o que lhe aconteceria em Diamantina, onde nunca estivera.

Na última noite antes da chegada ao destino, Firmino lhe disse:

— Ferreirinha, amanhã chegaremos a Diamantina, com a graça de São Jorge e de Nossa Senhora. Quando eu bater três vezes na *arca*, você pule dali e fuja, sem olhar para trás.

O menino tinha medo e esperança.

— Não vou mais apanhar! – Pensava. Mas, temia não ter o que comer. A imaginação de criança criava ora castelos, ora monstros.

Cada passo da mula parecia lento e rumoroso naquele último dia. A paisagem já não mudava. Ferreirinha espreitava a serra cinzenta e verde, as flores sempre-vivas e o capim gordura em flor que perfumava o caminho. O solzinho de inverno tinha preguiça. O último crepúsculo os apanhou na entrada da cidade. Dali se via o *sol das almas*, emoldurando a *Serra do Espinhaço*, com seus braços vermelhos. O burburinho do *barracão dos tropeiros* se fazia ouvir. Falas altas, vozes masculinas e femininas misturadas, gargalhadas, xingamentos, burros que *zurravam*, e o toque dos sininhos da *madrinha* da *tropa*, companheiro de todos os dias, se misturava aos sinos da catedral que, na última hora do *Angelus*, lembravam a Anunciação. Misturavam-se os odores das galinhas e dos leitões, das *tropas* suadas, do couro dos apetrechos, das rapaduras, do fumo e do algodão, do café, das farinhas e das frutas, do toucinho, da carne seca e da cachaça. Era um festival de sentidos para Ferreirinha, que vivera sempre na casinha da mãe, afastada da cidade, sem frequentar escola, sem saber ler ou escrever.

De repente, ele ouviu os três toques na *arca*. Saltou rapidamente da mula, mas diante da visão da cidade, da praça e suas cores, dos movimentos e rumores, ficou estagnado, empacado. Quando olhou para Firmino, que fazia um gesto para que corresse, sentiu uma mão forte que o agarrava pela camisa puída e rasgada. Era Zé Tropeiro, que lhe disse:

— Não se assuste, menino! Não se inquiete, Firmino! Eu conheço alguém que pode lhe ajudar. Atravessando a praça, subiram a rua que levava à Igreja do Bonfim. No adro da igreja, João Calango negociava *faíscas de diamante* com um comprador. Zé Tropeiro deixou Ferreirinha a certa distância e conversou em voz miúda e sussurrada com João, que se aproximou perguntando:

— Quantos anos você tem, menino? Como se chama? Sabe ler? É batizado? Está com fome?

Ao que Ferreirinha só soube responder este nome assim, faltoso, de Ferreirinha. Não tinha documentos, não sabia quantos anos tinha, não era batizado e tinha fome. João Calango o levaria para Macacos, um povoado pouco depois do distrito de Sopa. Ferreirinha se despediu de Firmino e Zé Tropeiro com um aperto de mão tímido e olhos molhados de agradecimento, de medo, de saudade, de esperança. João Calango colocou o menino logo na lida da sua terra. Ferreirinha recebeu nome completo: José Ferreira da Silva. Foi batizado e consagrado à Nossa Senhora, no dia oito de dezembro. João Calango asseverou: o menino tem dez anos!

Ferreirinha nunca mais voltou ao Rio Vermelho e nunca mais teve notícias da sua mãe. Não viu novamente Firmino ou Zé Tropeiro. Quando seus documentos apontavam que tinha 20 anos, João Calango achou por bem cercar uma parte do terreno para Ferreirinha começar vida própria com Maria Dias, filha da sua madrinha.

Enquanto viveu, Ferreirinha ouviu os sinos da *madrinha* da *tropa* e sentiu o cheiro do capim gordura em flor. A cada crepúsculo, olhava para a serra procurando os últimos raios de sol colorindo o cume de vermelho e suspirando: o *sol das almas*!

11 - A boneca e o tropeiro

Temática: tropeiros, costumes do passado.

Público-alvo: ensino médio e adultos.

As águas do Rio Manso não corriam serenamente naquele verão. O rio ultrapassara a ponte e ninguém atravessava de um lado para o outro. O povoado tinha a localização estratégica para o comércio das *tropas* que tinham passagem obrigatória por ali. A estrada, poeirenta ou lamacenta conforme a época do ano, ligava Diamantina a outras regiões, participando do comércio de ouro e diamante, encontrados naquela localidade. Entretanto, as fortes chuvas deixavam os dois lados da povoação incomunicáveis. As *tropas* acampavam de um lado e de outro da ponte, aguardando que as chuvas diminuíssem e as águas baixassem para passar as *bestas*.

Sinhá olhava desanimada para o horizonte chuvoso, sem sinais de estiagem. Esperava que a qualquer dia chegassem suas filhas vicentinas, três irmãs que *tomaram o hábito* no Colégio Nossa Senhora das Dores e viviam em Vila Velha, no Espírito Santo. E esperava também a resposta do seu compadre. Com aquele tempo, nem as cartas chegavam. Viúva e com filhos ainda pequenos, Sinhá se acabava na lida da casa, plantava uma hortinha para alimentar a criançada e criava galinhas e porcos no pequeno quintal. Serafim, o mais velho, já trabalhava em Diamantina e, de vez em quando, conseguia mandar algum dinheiro. A sua valência eram os padrinhos e madrinhas dos filhos e filhas que lhe ajudavam, desde que seu marido morrera de *gripe espanhola*.

Fífica era a mais sortuda. A caçula tinha sido batizada pelo tropeiro Paulo Severino, nascido em Bela Vista – ponto de parada de tropeiros entre

Montes Claros e Januária – que veio a se chamar Mirabela. Bela Vista era terra de fazendeiros ricos e devotos. O falecido Humberto, homem de sorriso largo e franco, fez amizade dadivosa com o tropeiro de lá, que aceitou com alegria o presente de batizar Fifica. Pagou festa regalada, matou leitão e bezerro e, mesmo depois da morte de Humberto, nunca abandonou a família.

Trazia carne seca e pequi, e outras frutas do sertão, rapaduras e até tecidos floridos para *coser* vestidos para a afilhada. Quando se despedia da comadre, ao aperto de mão, deixava-lhe sempre algum dinheiro com discrição. Fifica fazia inveja nas irmãs, mas o auge do espanto foi quando o padrinho trouxe uma boneca de *biscuit*, como presente pelos seus 10 anos. Foi um assombro. Nunca tinham visto tanta beleza. A boneca tinha vestido de veludo, cabelos verdadeiros e olhos azuis!

Gininha, um pouco mais velha que Fifica, já completara seus 13 anos, mas sofria por não ter os presentes da irmã. Um dia, chorosa e ciente da impossibilidade de ter uma boneca de outra maneira, pediu à Sinhá:

— Mãe, convida Seu Paulo Severino para me crismar? Já que padrinho Alcebíades é pobre, assim, também posso ganhar os presentes bonitos que a Fifica ganha.

Um pouco constrangida, mas com muita pena da outra filha, Sinhá escreveu ao compadre fazendo o convite para ser padrinho também da Gininha. Com aquela e outras chuvas, a sua *tropa* estava então parada do outro lado da ponte. Sinhá estava aguardando as águas baixarem e a resposta do tropeiro.

Paulo Severino era viúvo e não tinha filhos. Um homem respeitador e bem conservado, com boa saúde, alto e esguio, já passava dos 60 anos e ainda viajava com a *tropa* como se fosse jovem. Generoso e bem educado, falava baixo e não tinha vícios. Cheirava à roupa lavada com sabão de cinza e banha de porco. Mantinha barba aparada e usava um chapéu de

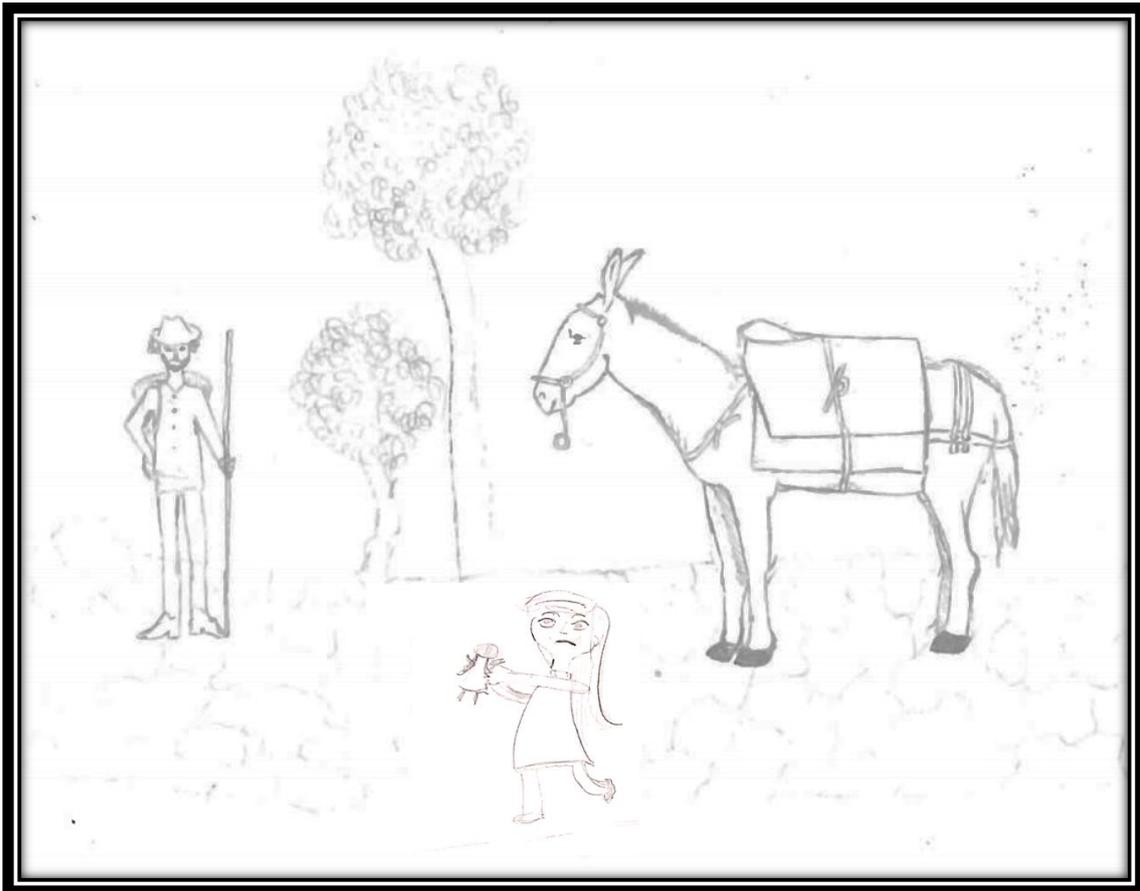
feltro macio e vincado, à diferença dos de couro que todos usavam. A cabeleira grisalha era ainda farta e lhe caía no rosto quando tirava o chapéu em sinal de respeito.

Lentamente a chuva diminuiu e o sol se mostrou novamente. O rio voltou a ser manso e as *tropas* de um lado e de outro, tiveram passagem livre. A *tropa* de Paulo Severino parou na porta da casa baixa de Sinhá. Gininha esperava a resposta com o coração que lhe batia na boca e os olhos muito abertos. Seu Paulo *apeou*, tirou o chapéu, cumprimentou a todos e entrou. Na sala simples e muito limpa da casinha pobre, sentou-se à mesa e, rodando o chapéu entre os dedos, disse:

— Dona Sinhá, recebi a sua carta e o seu convite. Venho lhe dizer que fico muito honrado, mas que não quero crismar a menina Gininha, quero é me casar com ela.

Gininha abriu ainda mais os olhos, Sinhá não sabia bem o que responder, e gaguejando, perguntou à filha se estava de acordo. Gininha queria saber se, casando-se com ele, poderia ter uma boneca. Depois do casamento, com grande festa, Seu Paulo Severino estabeleceu casa em Rio Manso, porque sua esposinha chorava só de pensar em ficar longe da mãe.

Quando voltava das viagens, o tropeiro sempre encontrava a sua mulher brincando de boneca no quintal.



12 – Ferreiro ou tropeiro, cada um com seu valor

Temática: tropeiros e ferreiros, reconhecimento dos ofícios, participação política dos tropeiros.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Joaquim, um ferreiro que morava nos arredores de Diamantina, em uma humilde casa, tinha sua *tenda* no quintal para produzir instrumentos de ferro. Ele era irmão de um conhecido tropeiro, chamado Honório, que percorria a região do Vale do Jequitinhonha, transportando alimentos, tecidos, animais e outros bens de consumo.

Um dia, os dois irmãos se encontraram na Praça do *Mercado Velho*. Joaquim, o ferreiro, estava ali para vender seus produtos e ferramentas; e Honório, o tropeiro, estava descansando, após entregar as encomendas e vender os bens que trouxera de outras regiões. Ao se encontrarem, se cumprimentaram e começaram a trocar um dedo de prosa. Honório logo disse:

— Veja o tamanho da minha *tropa*, tem aumentado cada dia mais e tenho viajado para os lugares mais longínquos. Estou ficando rico, meu irmão!!!

Joaquim respondeu:

— Eu tenho produzido muitos artefatos e ferramentas para o garimpo, mas, a cada dia que passa, percebo as encomendas diminuírem, porque o garimpo está acabando. Não sei como irei me manter sem o garimpo.

O irmão, em resposta, disse:

— Eu não preciso ficar preocupado com isso! Meu ofício ainda se manterá por muitos anos. Até me tornei um grande fazendeiro e possuo privilégios políticos na vila onde eu moro.

Joaquim ficou impressionado com a grandeza de seu irmão e falou:

— Em meu ofício, nós não recebemos grandes títulos; apenas produzimos nossos bens de ferro, vendemos e somos deixados de lado. Fazer difícil esse de ser ferreiro. Mas, na verdade, ninguém vive sem as minhas ferramentas, seja no garimpo, seja nas fazendas e até mesmo no dia a dia das casas e das *tropas*.

O irmão tropeiro, ainda se gabando, e sem reconhecer a importância do ferreiro para seu próprio fazer, continuou:

— Você escolheu a profissão errada! Se estivesse trabalhando como tropeiro teria uma vida muito melhor. Claro que as viagens são cansativas, corro muitos riscos, as estradas são ruins, a cama não é das melhores e a solidão é muita. Mas o dinheiro compensa, somos reconhecidos e temos influência política.

Joaquim ficou triste e se lamentou:

— Mas esse foi o ofício que aprendi com nosso tio, irmão de mamãe. Ele me era muito querido, por isso me ensinou e eu segui os passos dele. Não me importo com os títulos, com a posição política e nem com muito dinheiro. O que quero é trabalhar e passar meus conhecimentos para meus filhos, para que continuem o meu trabalho. Mas estou sempre seguro e confortável em minha casa, com minha família...

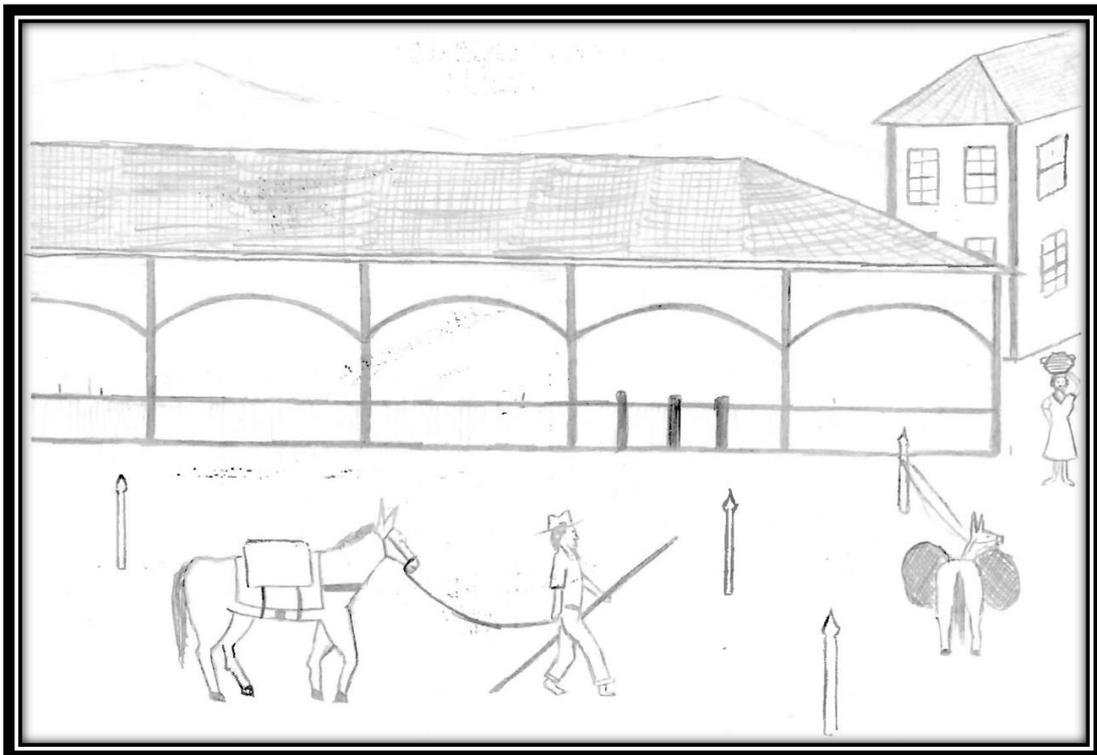
Percebendo que deixara o irmão triste, Honório então lhe falou:

— Meu irmão, me desculpe pela forma como falei com você. Não era minha intenção te deixar triste, mas compartilhar com você a vida que tenho, com minhas dores e alegrias.

Humilde como era, Joaquim desculpou o irmão e o convidou para jantar em sua casa naquela noite. O jantar foi muito agradável e

reaproximou os irmãos, que mesmo com as suas diferenças, conseguiram se entender e se respeitar. Ao final, o tropeiro reconheceu que sem o trabalho dos ferreiros, produzindo *estribos*, *esporas*, *ferraduras*, *cravos* e pregos, fivelas, *trempe*s, panelas e toda sorte de utensílios de ferro, não seria possível o transporte de cargas e toda a pompa adquirida pelos tropeiros.

Por fim, Honório convidou seu irmão ferreiro para se juntar à *tropa* em algumas de suas viagens para que pudesse vender seus produtos em outras regiões de Minas Gerais e do Brasil, certamente por preços bem mais interessantes que naquela freguesia.



13- Em casa de ferreiro, o espeto é de ferro

Temática: ferreiros e tropeiros.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Em um lugarejo, não tão distante e nem tão grande, chamado Santa Joana, próximo a um rio de água doce com uma imensa cachoeira, moravam sete irmãos de uma mesma família. Desde sempre, ali foi explorado o garimpo e, para desenvolver um garimpo rentável, era preciso ferramentas de qualidade, que eram produzidas no próprio lugarejo.

Das sete famílias dos irmãos que ali habitavam, cada chefe de família desempenhava uma função: três chefes eram garimpeiros, três eram ferreiros, e um era tropeiro, responsável por realizar as viagens, transportando as mercadorias para comercializá-las em outras paradas. Eram os chamados *cargueiros*, *tropa* composta por poucos animais que faziam transporte para localidades próximas.

A boa convivência entre as famílias sempre prevaleceu, mas quando o assunto entre os ferreiros era quem fabricava o facão mais afiado, o ‘trem ficava feio’. Certo dia, o tropeiro, conhecido como Dico, chegou com um facão extremamente afiado, vindo da Inglaterra, que ele recebeu como pagamento pelo transporte de um viajante estrangeiro interessado nas plantas da região, e mostrou-o logo aos irmãos ferreiros:

— Gente, olha que facão mais cortante, parece até que foi feito por um Deus da *forja*, se é que existe - disse o tropeiro com o facão para cima e girando para todos verem a belezura daquela lâmina. Quando o sol batia ali, o reflexo deixava o facão incrivelmente reluzente.

O ferreiro mais velho, conhecido como Tião, tomou o facão em punho, analisou-o do cabo à ponta e disse:

— Ora, eu consigo fazer um facão muito melhor e mais afiado do que esse, querem ver? – enquanto dizia isso, os outros dois, Téó e Taquinho, ficaram refletindo: “uai, se ele falou que consegue, é claro que eu consigo fazer também!” Ambos se manifestaram anunciando que iam fazer um melhor que o outro; depois disso, foi cada um para a sua *tenda*, onde passaram a noite toda forjando seus facões.

Logo após o canto do galo, os três ferreiros saíram das *tendas*, cada um portando seu facão na *bainha* de couro. Todos foram andando em direção ao centro do vilarejo, exatamente no mesmo local onde se desafiaram no dia anterior. Lá chegaram ao mesmo tempo e juntos puxaram seus facões das *bainhas*. Eles se olharam, olharam para cada lâmina para ver qual estava mais afiada, até que Taquinho, o mais novo, que nem tão novo era, começou:

— Olha, olha, o meu facão está tão afiado que está cortando até vento!!! - Disse ele, fazendo com o facão movimentos cortantes, golpeando o ar.

Téó, o irmão do meio, já se afastando, com medo de ser atingido pelo facão de Taquinho, fincou seu facão no chão dizendo:

— Esquece! Indiscutível! O meu está cortando até rocha!! Pode parar de graça! Aceitem que o melhor facão é o do papai aqui!

Diante dessa ação, Taquinho foi ficando desanimado e cabisbaixo. Mas o irmão mais velho, Tião, com toda sua calma e experiência, “cortou as asinhas deles” dizendo:

— Vocês deixem de ser bestas!!! Para saber se o trem é bom mesmo, tem que ser assim, oh! – disse o respeitado ferreiro, passando a lâmina nos pelinhos do braço para ver se cortava. Após essa ação, os outros dois se acabaram na gargalhada, pegaram seus facões e viram que também

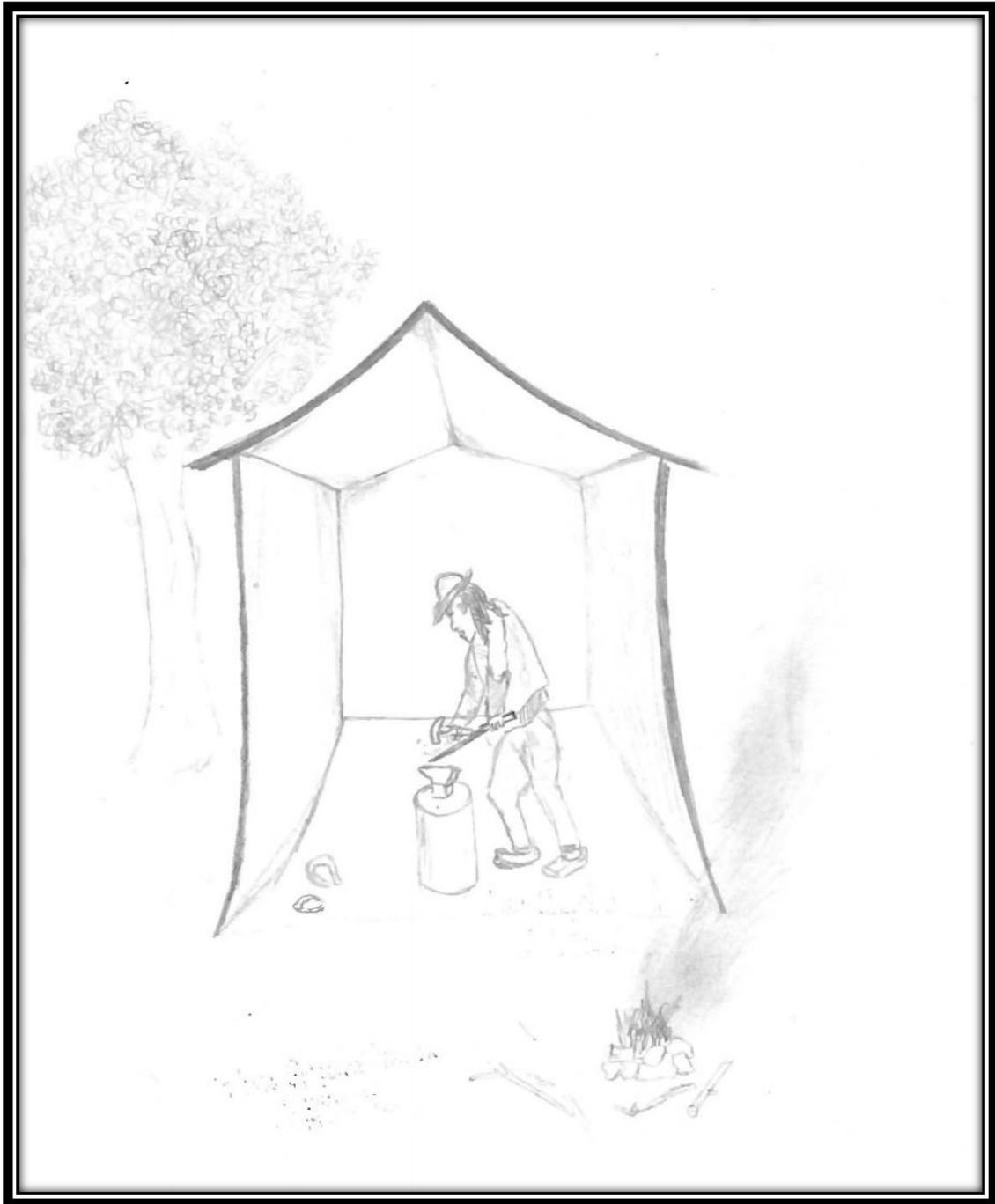
cortavam os pelos . Até que, ao mesmo tempo, os três gritaram o nome do tropeiro.

— Dico, chega aqui!

Assim que o tropeiro apareceu com sua xícara de café, o experiente ferreiro Tião começou a falar:

— Ó, você pode levar esse caco de facão que você trouxe do estrangeiro e aproveita e leva esses três aqui e mostra pros gringos como se faz facão de verdade!!

Ao chegar ao ponto comercial, o tropeiro conseguiu realizar as vendas dos três facões por um ótimo preço, voltando com as *burras* cheias de dinheiro. Então, reuniu-se com os outros irmãos e juntos tiveram uma brilhante ideia: usar aquele dinheiro como investimento em uma grande oficina e produzirem os melhores facões do mundo, que é pra inglês ver e se admirar.



14 - O ferreiro pego sem as calças na mão

Temática: ferreiros, costumes dos ferreiros.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Quito era ferreiro alvoroçado que vivia lá pras bandas de Itamarandiba, aprontando das suas. Gostava de pegar ovos nos ninhos para esquentar na *forja* e degustar no desjejum. Não importava o dono nem o bicho, se era de galinha da vizinhança ou de perdiz do mato, de cocá ou seriema, iam todos para o calor da *forja* e depois pra pança do gatuno.

Certo dia, depois de muito soprar para esquentar uma *verga*, aquecer a cara manuseando a *tenaz* perto do fogo, bater muita *marreta* para esticar o *tarugo* para fabricar um jogo de *ferraduras* sob encomenda, na medida, e uma dúzia das padrões, Quito estava com mais fome que de costume, afinal tinha se contentado somente com três ovinhos de garnisé durante o dia.

Como a fome apertava e o dia se esvaía, resolveu pegar umas mangas na roça do compadre ao lado da *tenda* onde labutava. Para passar despercebido, resolveu tirar a roupa e trepar rápido no pé de manga. O compadre, dono da roça, ouviu o movimento no pomar e, no susto, pegou a espingarda, foi para o terreiro e passou fogo!

Quando viu, Quito despencou do pé de manga. O compadre se desesperou:

— Rapaz, o quê que você estava fazendo trepado em árvore a essas horas? Achei que fosse uma suçuarana, uma jaguatirica, ou outro bicho qualquer! E agora?!

Como Quito urrava de dor, a comadre lavou o ferimento, passou um *unguento* de *barbatimão* e o benzeu com *arruda*. O compadre, com receio

de que Quito estrebuchasse em sua casa, achou de levá-lo logo para o doutor. Arriou o burro e levou o pobre ferreiro nu, para a cidade.

O burburinho foi certo e não faltaram encomendas de *ferraduras* dos curiosos que queriam ouvir sua versão do acontecido.

Ele contava e se gabava:

— Ainda bem que era uma das espingardas feitas pelo menino Sebastião, daquelas com munição de chumbo e sal grosso, que arde, mas não mata!

Quito sobreviveu; esfolado mas zombeteiro, ainda lucrou e se divertiu muito com a história. Esse não se emendava!



15- O ferreiro que cospe fogo

Temática: ferreiros, fazer do ferreiro, fábricas e tendas de ferro.

Público-alvo: ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

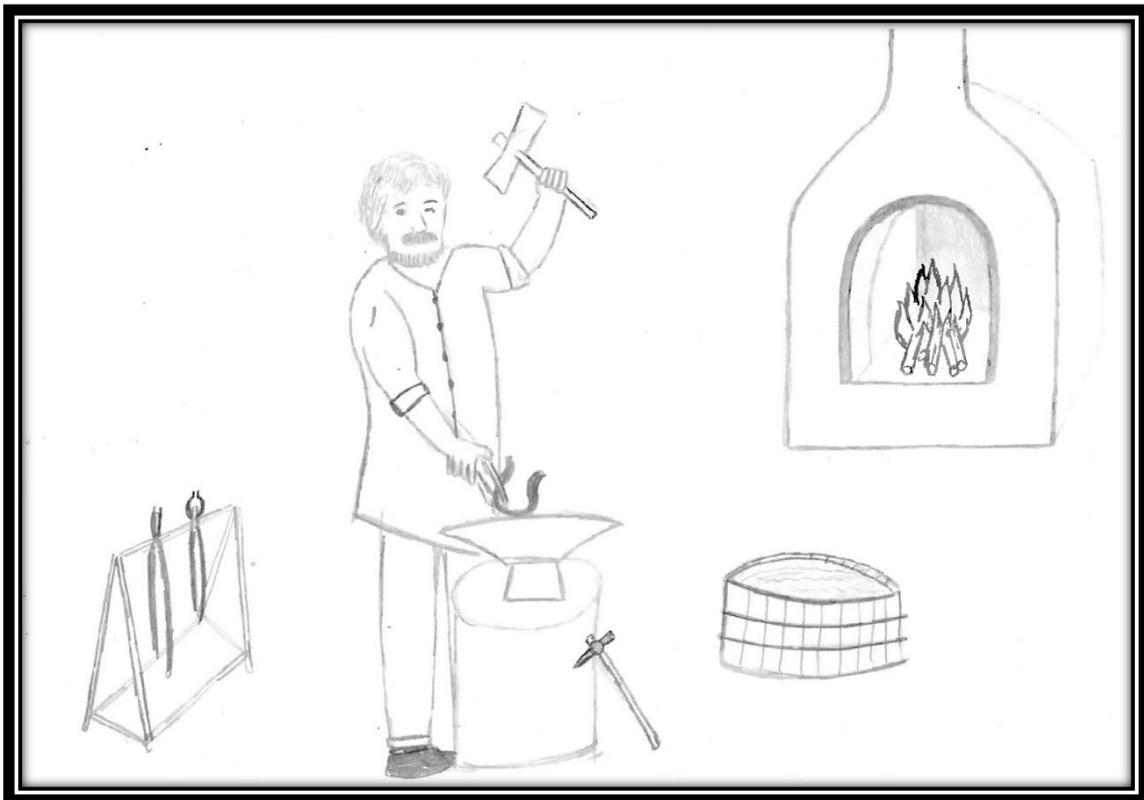
Vida de ferreiro não é de luxo, é de labuta, de mão grossa e calejada, calor e fumaça na cara. Rufião trabalhava em uma *fábrica de ferro*. Lá o trabalho era duro, tinha que quebrar a pedra de ferro, colocar na *forja*, pôr carvão por cima e, quando esse afundava, punha mais carvão, mais ferro, depois coava tudo, colocava mais carvão, via o ponto, virava o lado, batia pra tirar a borra da fundição, levava pro *malho*, esquentava de novo pra fazer um pavio de ferro... Tudo isso pra virar uma *verga*.

Seu irmão caçula, Sebastião, não queria saber de fábrica, mas tinha uma *tenda* nos fundos de casa. Era *tenda* porque já trazia os *lingotes* prontos das *fábricas de ferros*, feitos da pedra bruta, mas ao mesmo tempo tinha, além do *fole*, uma roda d'água para soprar forte, como nas *fábricas* que existiam naquelas bandas. Lá ele fazia umas ferramentas, *alavanca*, *cunha*, *foice*, fazia umas panelinhas, pequenos consertos e ajeitava *ferraduras* para a vizinhança. Era conhecido como Bastião Cospe Fogo ou Xará, por conta de um famoso médico com o mesmo nome, na região.

A alcunha vinha do hábito de fazer, às escondidas, umas espingardas para o povo da roça se defender e caçar paca. Como era proibido fazer arma de fogo, ele buscava *lingotes* nas *fábricas de ferro* da região e fazia as peças na *tenda* durante o dia, e à noite as montava em casa. Certo dia, a polícia apareceu querendo saber das suas habilidades. Ele mostrou suas ferramentas para plantio, garimpo, cozinha e até um isqueiro que ele mesmo fez com pavio e tudo. Mas os homens da lei não se contentaram e quiseram ver o que ele tinha em casa. Reviraram tudo e acharam dezesseis

espingardas no forro da cozinha. Eles levaram tudo. Sebastião ficou desolado. Homem humilde, não sabia que precisavam de mandado para entrar em casa e se aperreou por ter perdido as espingardas. Vida de ferreiro sobra trabalho, não dinheiro.

Mas Sebastião não desistiu. Hoje, avô, mantém sua roda d'água para soprar a *forja*, molda tachos com chapas de metal, faz umas canequinhas, pequenos consertos e ferramentas. Mas se você quiser saber se ainda 'cospe fogo', ele abrirá o mais belo sorriso com os olhos e lhe dirá que ainda faz umas espingardinhas de chumbo e sal grosso, para não perder o jeito.



16- A tenda mágica

Temática: ferreiros, ferramentas utilizadas.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Por volta da década de 1940, em um lugar próximo a Diamantina, conhecido como Curralinho, por conta de um grande cercado para animais que existia por lá, havia uma caverna muito grande e escura. O povo de lá sempre contou histórias de que por ali o mistério sempre se fazia presente. Vez por outra, algum jovem ficava mais curioso, mas poucos se atreviam a chegar perto, seja por conta dos casos assustadores ou das pegadas de onças que sempre estavam presentes nas trilhas por aquelas redondezas.

Certo dia, o jovem fundidor, Eustáquio, estava caminhando cabisbaixo e pensativo, aborrecido por ter de fechar a tenda que seu pai tocara desde a década de 1920. O negócio ficou na família por quase 40 anos e, agora, não dava mais para seguir. Eles trabalhavam em quatro pessoas. Além de Eustáquio, o *fundidor*; tinha o velho pai ferreiro; o Nízio *malhador*; e Taquinho, menino aprendiz que fazia de tudo. Era muita boca pra pouco melado... A Indústria Carioca acabou com o serviço! Um par de *ferraduras* feito na tenda valia o mesmo que uma dúzia das feitas pelos cariocas. Não dava para concorrer.

Eustáquio seguia com seus pensamentos e quando se deu conta estava perto da caverna misteriosa. Nem tinha visto rastro de onça, nem tinha tido medo de nada. Olhou para a caverna e achou ter visto uma luz, vai que era alguma *fáisca* perdida, nunca se sabe... Curioso que estava resolveu entrar na tal caverna. Acendeu um isqueiro que ele mesmo havia

feito e logo avistou uma tocha gasta e velha. Tacou fogo nela e seguiu adentrando a caverna.

A iluminação da tocha não era muito boa, mas era o suficiente para ver o que tinha por ali. Ao entrar em um salão ficou surpreso com o que viu. Primeiro avistou um *malho* e uma *tenaz*, que estavam no chão. Adiante reconheceu uma *forja* com um grande *fole* ao lado e uns pedaços de ossos. Instintivamente, acendeu a *forja* com a tocha e tudo se iluminou, como num passe de mágica. Havia várias *lamparinas* espalhadas pelas paredes da caverna e, ainda, uma grande rocha esculpida, ao centro, onde as peças eram modeladas.

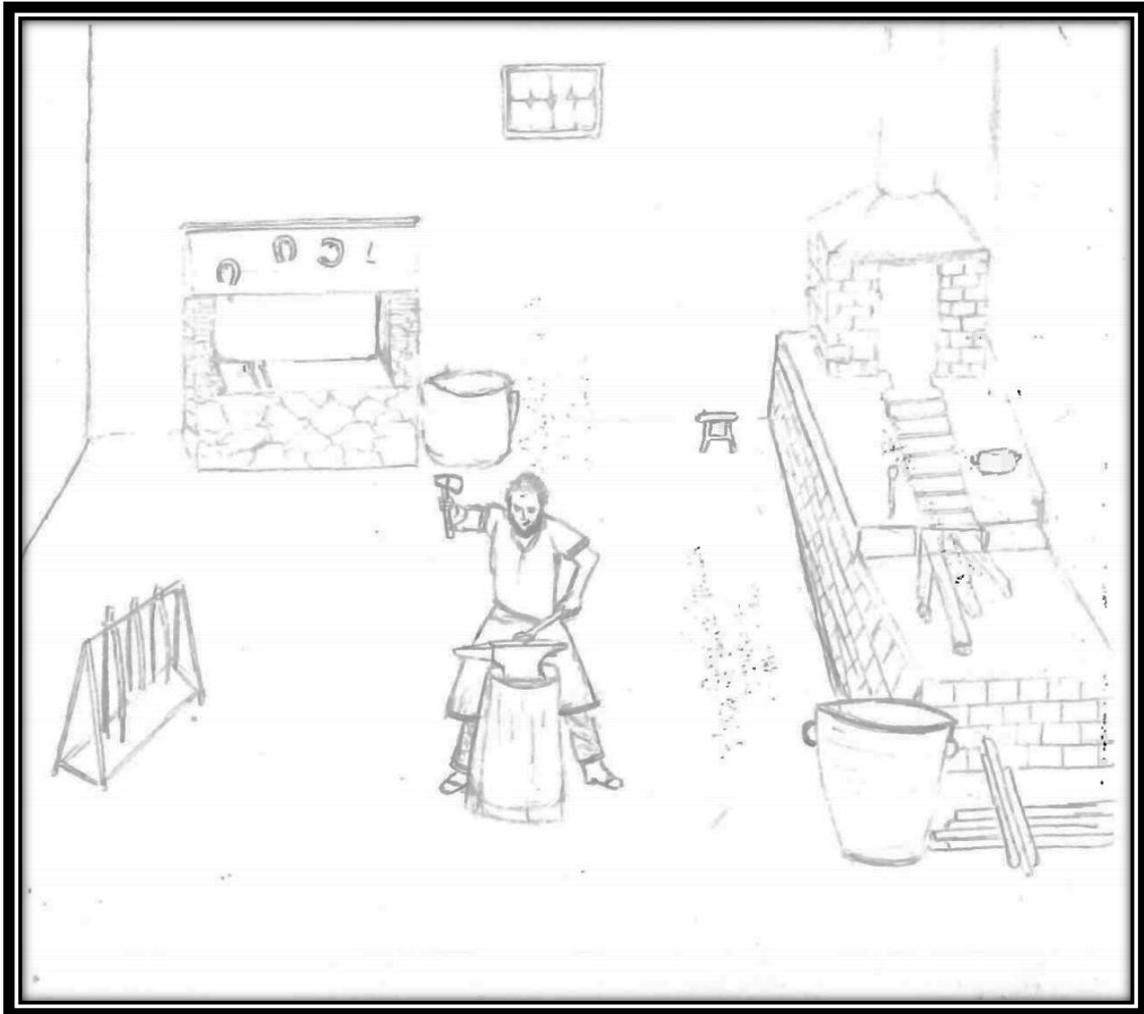
Eustáquio se admirou com o que viu e logo se lembrou de uma lenda que sempre foi contada pelos antigos sobre a existência, na região, de uns magos *alquimistas*, que faziam umas misturas, transformações e, dizem, até feitiçarias.

A *fornalha* continuava acesa, e Eustáquio encontrou carvão pelo chão e se pôs a alimentá-la. Nesse instante, o fole começou a soprar, movido por alguma força mágica, atijando o fogo, e quatro ferraduras velhas caíram na forja. Quando a massa chegou na cor ideal, Eustáquio a pegou com a *tenaz* e começou a trabalha-la no *malho*. De repente o *malho* foi malhando sozinho e ele soltou a ferramenta e ficou admirado da massa ir se espichando sem esforço. A massa foi se transformando em uma *verga* que, aos poucos, tomou a forma de um punhal. Eustáquio olhou em volta e pegou um osso que encontrou por ali, colocando-o na bancada. Logo o osso foi cortado, preparado e se transformou em um cabo para o punhal. Quando a peça estava pronta tudo parou de se mover. A fornalha começou a se apagar e, a essa altura, Eustáquio nem sabia mais onde estava a tocha. Ele pegou o punhal e se pôs a sair da caverna, contando somente com o velho isqueiro para iluminá-la.

Ao sair da caverna, a luz do sol ofuscou seus olhos. Quando conseguiu abri-los novamente ficou boquiaberto: o ferro havia se transformado em prata! Eustáquio estava incrédulo porque tinha um punhal de prata fundido sabe-se lá como, por sabe-se lá quem. Ele mal podia acreditar no que seus olhos viam.

Passado o susto, ele caiu na gargalhada sozinho. Virou-se para a entrada da caverna, acendeu o isqueiro, procurou novamente a tocha e pôs-se a atiçar o fogo, enquanto via a mágica acontecer. Saiu de lá na manhã seguinte com um grande saco cheio de facas, facões, conchas, colheres, *bridões* e *esporas* de prata.

Ninguém em Curralinho acreditou na história que ele contou, mas também ninguém sabia explicar de onde vinha tantas peças ricas e formosas. Eustáquio acabou vendendo a maior parte das peças no *barracão* dos tropeiros. Enricou. De vez em quando, algum comprador pedia para ele contar a origem das peças. Todos riam, mas ninguém acreditava, pois, “A mentira corre e cansa. A verdade anda e alcança”.



17- Intendente Câmara: um brasileiro na corrida do ferro⁵

Temática: ferreiros, primeira fábrica de ferro do Brasil.

Público-alvo: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e adultos.

Dizem que “quem chega na frente bebe água limpa” e essa história é cheia de corridas, mais ou menos leais. Nossa história acontece depois que, em 1808, a Família Real portuguesa veio para o Brasil, fugindo da invasão napoleônica. Com isso, muita coisa mudou no Brasil e, uma delas, foi que passou a ser permitida a instalação de *fábricas de ferro* por aqui.

Nessa época, um engenheiro natural de Minas Gerais, chamado Manuel Ferreira Câmara Bethencourt e Sá, estudava ciências naturais em Portugal, e pode se aprofundar nos conhecimentos sobre mineralogia e metalurgia na Europa. Depois de um tempo, ele voltou para o Brasil para administrar a *Real Extração de Diamantes*, visando concentrar os serviços de mineração do *Distrito Diamantino* nas mãos da Coroa Portuguesa, passando a ser conhecido como Intendente Câmara.

Nossa corrida começou quando Dom João VI autorizou a fabricação de ferro no Brasil a três grandes homens que conheciam bastante sobre este processo. O Intendente Câmara foi um deles, autorizado a utilizar parte dos recursos arrecadados com a administração dos serviços de mineração de diamantes para a construção da primeira *fábrica de ferro* do Brasil, a Real Fábrica de Ferro. O local escolhido para sua instalação foi a Comarca do Serro Frio, no Morro do Gaspar Soares, atualmente município de Morro do Pilar. Este local foi escolhido por ter tudo que era necessário para a

⁵ Inspirado em ANTUNES, Américo. *Do Diamante ao Aço: o ilustrado Intendente Câmara e a verdadeira história da primeira fábrica de ferro do Brasil*. Alameda Editora; 2. Edição. São Paulo, 2018.

fabricação do ferro: água para tocar a roda d'água; matas para a produção do carvão do vegetal; e, claro, *jazidas* de minério de ferro. A outra vantagem é que Morro do Pilar era próximo ao Rio Doce, o que poderia facilitar o escoamento da produção por via fluvial.

O outro homem que recebeu essa autorização foi Wilhelm Ludwig von Eschwege, ou o Barão de Eschwege, como ficou conhecido o mineralogista alemão, responsável pela criação da Fábrica de Ferro de Patriótica, em Vila Rica, em local próximo à atual cidade de Congonhas do Campo.

Já na Província de São Paulo, o mineralogista alemão Friedrich Varnhagen, amigo de Eschwege, coordenava, desde 1810, os esforços para a edificação de uma fábrica na região de Sorocaba, a Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, em Araçoiaba da Serra.

A ideia era construir fábricas de grandes proporções, capazes de suprir toda a demanda brasileira por ferro e por utensílios a base desse metal e, ainda, gerar excedente para exportação. Naquela época, os produtos à base desse metal eram trazidos da Europa, especialmente da Inglaterra. Chegavam às regiões mineradoras com preços exorbitantes, devido aos altos impostos e ao custo elevado de transporte pelos tropeiros dos portos até o interior do Brasil.

A construção da Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, com seu alto-forno de cerca de 8 metros de altura, o açude para a barragem e canalização da água e outras estruturas necessárias, demorou alguns anos e foi muito penosa, já que todo o material era transportado no lombo de burros pelos tropeiros.

Segundo o viajante naturalista, Auguste de Saint-Hilaire, amigo pessoal do Intendente Câmara, existia nesse período um caminho alternativo que foi aberto por ordem do próprio Intendente Câmara para transitar entre o Arraial do Tijuco e a Real Fábrica de Ferro do Morro do

Pilar, passando pela região que ficou conhecida como Serra do Intendente. Esse atalho era utilizado para chegar mais depressa que pelo trajeto oficial, que era a Estrada Real e, talvez, para evitar homenagens fastidiosas ao Intendente.

Depois que a fábrica ficou pronta, as primeiras tentativas de produzir ferro em escala industrial falharam. Não ficaram muito claros os motivos, mas falava-se da qualidade dos materiais dos quais era feito o alto-forno, que não suportavam as altas temperaturas de fundição do metal; das peculiaridades do minério de ferro da região; da escassez de água; da falta de qualificação da mão de obra local para operar os altos-fornos; ou ainda por sabotagem, dada a competição que havia entre as três *fábricas de ferro* autorizadas a se instalarem no Brasil naquela época.

O Intendente Câmara solicitou, então, que fossem enviados mestres fundidores e oficiais do ferro e fogo experientes, da Alemanha, para auxiliarem nesse processo. Não se sabe ao certo como os aprendizes brasileiros e os mestres alemães se comunicavam e se o aprendizado esperado de fato ocorreu. Mas, em 1815, a fábrica conseguiu produzir ferro líquido, transformado em barras de ferro, que foram enviadas, pelos tropeiros, para o Arraial do Tijuco. Essas barras eram muito úteis na produção de ferramentas necessárias na mineração de diamantes. O primeiro carregamento chegou em 1816, e foi recebido com muita festa.

Em 1831, essa fábrica encerrou suas atividades. Os motivos foram muitos, como os altos custos de produção e o aumento das despesas; a baixa qualidade da mão de obra; a criação de pequenas e menos dispendiosas fábricas de ferro espalhadas por Minas Gerais; as dificuldades (e os custos) do transporte da produção, feita por animais por trilhas precárias.

Sobre as outras fábricas, dizem que em 1812 a Fábrica de Ferro de Patriótica, instalada em Vila Rica e comandada por Eschwege, já havia

produzido ferro líquido e matéria prima suficiente para o abastecimento local de *cravos* e *ferraduras*, em um modelo um pouco mais simples do que os demais empreendimentos da época, com quatro pequenos fornos, duas *forjas* de ferreiro, um *malho* e um engenho de socar. Já a Fábrica de São João do Ipanema, completou o ciclo de produção do ferro em escala industrial em 1818.

Assim, como “cada um puxa a brasa para a sua sardinha”, permanece ainda hoje a dúvida sobre a atribuição do feito da fundição de ferro em grande escala no Brasil: alguns atribuem-na à Varnhagem, outros ao Barão de Eschwege e outros, ainda, ao Intendente Câmara.

Fato é que todos esses importantes homens das ciências naturais, conhecedores do misterioso processo de fabricação e fundição do ferro, disseminaram os conhecimentos técnicos sobre esse processo em Minas Gerais e no Brasil. O Intendente Câmara, o único brasileiro entre eles, com sua tenacidade e audácia, desenvolveu um projeto imenso de uma engenharia sem precedentes à época, que serviu de base para que muitos homens, posteriormente, investissem na fabricação de ferro. Contribuiu, ainda, para que a siderurgia e a metalurgia fossem, mais tarde, propulsores do desenvolvimento econômico de Minas Gerais.

GLOSSÁRIO

Ajudante da tropa: Geralmente um garoto, que auxiliava no que fosse preciso nos trabalhos da tropa, desde preparar as refeições, carregar e descarregar os animais, levá-los para o pasto, e tudo mais que fosse preciso.

Alavanca: Ferramenta simples utilizada para multiplicar a força aplicada sobre um objeto ou superfície que se quer trabalhar ou mover. Consiste em uma haste de metal com extremidades ativas em formato de ponta ou cunha.

Alcunha: Apelido, nome pelo qual uma pessoa é conhecida.

Alquimia: Prática antiga, que surgiu na idade média, que utiliza os princípios científicos para a transformação de um elemento químico em outro.

Andar de fasto: Andar para trás ou andar de ré.

Angelus: A hora do Angelus, que corresponde ao toque das Aves-Marias às 6h, 12h e 18h, e relembra aos católicos o momento da Anunciação.

Apear: Ato de descer do animal de montaria.

Apetrechos: Acessórios das tropas.

Arca: O mesmo que canastra.

Arraial do Tijuco (Tejuco): Nome pelo qual a atual cidade de Diamantina era chamada, a partir da chegada dos bandeirantes, em 1713. O nome faz referência ao termo em tupi para água suja ou lamacenta. Em 1831 o Arraial foi elevado ao status de vila, passando a se chamar Diamantina e, em 1838, a cidade com o mesmo nome.

Arranchar: Dormir ou se estabelecer provisoriamente em um rancho.

Arreio: Conjunto de objetos que permite a cavalgada ou a condução do animal de carga, compreendendo a sela, os freios, as rédeas e as correias.

Arrieiro: Encarregado do proprietário que conduzia a tropa, negociava e a chefiava, na ausência deste. Também chamado de almocreve.

Arroba: Unidade de medida de peso que corresponde a aproximadamente 15 kg.

Arruda: Planta medicinal muito utilizada nas benzeções contra mal olhado.

Bainha: Local onde se guarda o facão, geralmente para levá-lo preso à cintura.

Baio: Coloração do pelo do cavalo, aproximadamente castanho-amarelado.

Barbatimão: Planta típica do cerrado, com propriedades anti-inflamatórias, cicatrizante e antisséptica.

Barracão dos tropeiros: Nome como era chamado o atual Mercado Velho de Diamantina, quando servia de rancho para os tropeiros.

Bestas: Animal utilizado para o transporte de carga, em geral híbrido de jumenta com égua ou de cavalo com jumenta. Termo também utilizado de forma pejorativa, adjetivando pessoa com baixa capacidade intelectual.

Bigorna: Peça maciça de metal, em formato aproximado de um “T”, de variadas dimensões, utilizada para reduzir o esforço feito pelo ferreiro no forjamento do produto metálico. Ela absorve parte da energia da martelada, em razão de ser mais resistente que o material a ser trabalhado.

Biscuit: É um tipo de cerâmica utilizado como base para a cabeça de bonecas, sendo o material que proporcionou as mais perfeitas imitações da pele humana. A facilidade de conseguir matéria-prima fez da Alemanha a grande recordista na produção de biscuits.⁶

Bridão: É um tipo de embocadura de ferro, normalmente composta por duas barras que se posicionam lateralmente à cabeça do potro, e outra barra que une as duas primeiras e é colocada em sua boca. O bridão é utilizado na fase de “acerto” do animal, logo que foi amansado pelo peão. Normalmente, quem faz o “acerto” é o acertador. Ele termina a doma deixando o animal em condição de ser guiado por qualquer pessoa.

Bruaca: Grande bolsa feita em couro cru que, geralmente, era utilizada aos pares, unidas num tipo de forquilha chamada cangalha, e atadas ao lombo de burro ou mula, formando assim um cargueiro (composto por duas bruacas) de tração animal. Foram muito utilizadas pelos tropeiros, para carregar objetos, víveres e mercadorias.

Burgalhau: Uma rua da atual cidade de Diamantina, onde estão localizadas as primeiras casas que deram origem ao Arraial do Tijucu.

Burras: Bolsa onde se guardavam moedas.

Cabresto: Equipamento de corda ou couro utilizado para puxar o animal pela cabeça ou prendê-lo em um ponto fixo.

Canastra: Caixa de madeira, revestida com couro, com fechadura e alças laterais. Objeto de uso doméstico, utilizado para guarda de pertences, documentos, vestuário e outros. Quando se casavam, era comum que cada noivo tivesse uma canastra com as iniciais do casal, para guardar o traje do casamento. Era também utilizada pelos tropeiros para acondicionamento e

⁶ <https://musedosbrinquedos.wordpress.com/>

transporte de mercadorias e também para servirem de proteção aos viajantes, sendo feitas barricadas empilhando-as durante a noite.

Caminho da Bahia: Antiga via terrestre que ligava Salvador e o Recôncavo Baiano ao sertão de Minas Gerais, à época do Brasil Colônia. Era muito utilizado para abastecer de gado a região mineradora.

Caminho dos Diamantes: uma das estradas reais abertas no Brasil, no século XVIII, utilizada para escoar a produção diamantífera, unindo o Arraial do Tijuco (atual cidade de Diamantina) à sede da Capitania de Minas Gerais, Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto).

Caminho dos Escravos: Caminho de pedras que liga Mendanha a Diamantina, construído no século XVIII, por pessoas escravizadas, para escoar a produção de diamantes de Mendanha. Ele se inicia, oficialmente, no Mercado Velho de Diamantina, com um percurso total de cerca de 20Km.

Cangalha: Artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, que se apõe ao lombo do animal para pendurar carga de ambos os lados, de modo a ficar estável durante as longas viagens dos tropeiros.

Canela-de-ema: planta típica do cerrado, cujo caule, por seu alto poder de combustão, é utilizado para acender fogo.

Capitania das Minas Gerais: Divisão administrativa do Brasil colonial instituída em 1720, a partir da divisão da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, e que durou até o fim do período colonial.

Cargueiro: Nome atribuído às pequenas tropas que traziam mercadorias e mantimentos para serem comercializados, provenientes de localidades próximas.

Charque: Carne seca e salgada para que possa ser conservada por mais tempo, durante as longas viagens dos tropeiros.

Cincerro: Objeto parecido com um sino ou guizo que ficava pendente no pescoço do animal madrinheiro, com o objetivo de tornar sua presença perceptível aos demais animais que, assim, se posicionavam ao seu redor.

Coser: Costurar

Couro de Boi: Pele do animal, que era utilizada pelos tropeiros para cobrir a carga transportada e, à noite, era utilizada para forrar o chão onde dormiam.

Cravo: um tipo de prego com corpo e cabeça quadrados, feito de ferro, utilizado para fixação das ferraduras nos cascos dos animais.

Cunha: É uma ferramenta de metal, podendo ser de madeira, em forma de prisma agudo em uma das extremidades, e que se insere no vértice de um

corte para melhor fender algum material (como madeira ou pedras), bem como para calçar, nivelar, ajustar uma peça qualquer.

Distrito Diamantino: território delimitado com a finalidade de estabelecer contratos de arrendamento para a exploração de diamantes e era composto por diversos arraiais e vilas. Tinha a função de se evitar problemas com o contrabando das pedras preciosas. Esse modelo funcionou entre 1740 e 1770.

Embornal: Bolsa, geralmente feita de couro e com alça, destinada a carregar os pertences durante a jornada.

Emplastro: Preparação terapêutica de uso externo, que sob o calor adere à pele e acelera o processo de cura e cicatrização.

Enfeite de testada: Peça metálica, utilizada para adornar a testada do animal.

Espora: Peça de metal, que possui roseta com pontas agudas e barras laterais que contornavam o pé do cavaleiro, utilizada para estimular o animal a andar nas suas diversas marchas.

Esteio: Peça feita em metal ou madeira, geralmente utilizada para segurar ou aparar algo. Neste caso, os esteios eram utilizados para amarrar os animais.

Estribo: Equipamento para a montaria utilizado para ajudar a subir no animal e para posicionamento dos pés, proporcionando estabilidade ao cavaleiro.

Fábrica de ferro: Local onde se realizava a transformação do minério de ferro em barras de ferro, em escala industrial, as quais eram, posteriormente, utilizadas para a fabricação de diversas ferramentas e artefatos desse metal.

Faíscas de diamantes: Pequenas pedras de diamantes, com baixo valor de mercado.

Fazenda: Tecido, pano.

Fazer o quilo: Fazer a sesta, repouso após o almoço.

Feijão bago-bago: comida típica dos tropeiros, que deu origem ao atual feijão tropeiro. Consistia no feijão preto cozido, deixando os bagos (grãos) mais inteiros, sem caldo, servido com farinha e com um ovo colocado por cima.

Ferradura: Peça confeccionada pelo ferreiro, com formato de “U”, em ferro e com furos para ser utilizada na pata de cavalos e muares para evitar defeitos de formação do casco e protegê-lo e, ainda, facilitar a

marcha. Eram feitas sob encomenda, de acordo com as medidas de cada animal, e também em tamanhos padronizados.

Foice: Ferramenta que possui uma extremidade curva e afiada, destinada ao corte.

Fole: Ferramenta usada pelos ferreiros para ativar o fogo na hora da forja de metais, por meio do fluxo de ar gerado pela sua compressão.

Forja: Local onde se aquece o ferro para moldar o metal dando forma às ferramentas e utensílios feitos pelos ferreiros.

Fornalha: Grande forno existente nas forjas, utilizado para aquecer e fundir o ferro.

Fundidor: Pessoa responsável por fazer a fundição de metais, que por meio do aquecimento à altas temperaturas, passa do estado sólido para o líquido, permitindo dar a ele a forma necessária.

Garrucha: Arma de fogo, de cano curto, abastecida com balas (as cartucheiras) ou com pólvora (as “polveiras”). Era feita em metal, com cabo revestido em madeira ou outro material.

Gripe Espanhola: pandemia que ocorreu entre 1918 e 1919, matando cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo.

Intendência: Local destinado ao descarregamento e comercialização de mercadorias trazidas de outros lugares pelos tropeiros. Também conhecida como rancho de tropas.

Jazida mineral: Local com grande ocorrência natural de determinado mineral com valor econômico.

Lamparina: Utensílio feito em metal, em formato cônico com um dispositivo na extremidade, contendo um pequeno cano onde emerge o pavio. O interior é abastecido normalmente com querosene, que, ao ser aceso, gera uma chama capaz para iluminar o ambiente.

Lapa: Grande pedra ou laje natural, que forma um abrigo ou caverna.

Lingote: Massa sólida de ferro, em formato de barra, para ser, posteriormente, utilizada na forja ou torno.

Légua: Medida itinerária antiga que variava de 6 a 7 km.

Lote de mulas ou de burros: Um lote era formado por 10 animais e uma madrinheira. A tropa era formada por um ou mais lotes de burros. Cada lote era conduzido por um condutor.

Madrinheira ou égua madrinha: Animal que vinha à frente da tropa, geralmente uma égua mansa, com ornamentos em seu pescoço e cabeça.

Madrinheiros: Geralmente garotos que montavam uma égua mansa, chamada de madrinheira, cozinhavam e “faziam de tudo”.

Malhador: Aquele que malha o ferro, batendo a massa pastosa para dar a ela a forma desejada.

Malhar o ferro: Bater com o malho na massa pastosa de ferro forjado, dando a ela a forma desejada.

Malho: Artefato em metal composto por duas pirâmides truncadas e unidas pela base, sendo uma mais longa que a outra. É bastante pesado para possibilitar sua função de malhar (bater) o ferro proveniente da fundição da pedra de minério, dando a ele a forma desejada. Em geral, ele é preso a uma estrutura de gangorra que, com a força da água, produz a força necessária para malhar o ferro.

Marreta: Ferramenta pesada utilizada para modelar o ferro quente com suas batidas sobre o malho ou bigorna.

Mercado Velho: nome comumente atribuído ao Centro Cultural David Ribeiro, localizado no centro da cidade de Diamantina, que fora construído no século XIX para servir como rancho de tropas, onde os tropeiros comercializavam suas mercadorias e também podiam dormir e cozinhar durante sua estadia na região.

Mocambeiro: Animal que tem o hábito de se esconder no mato, por vezes atrasando a viagem e o trabalho dos tropeiros.

Muares: Animais híbridos, fruto do cruzamento entre jumento e égua, sendo as fêmeas chamadas de mulas e os machos de burros.

Mula queimada: Mula cuja coloração do pelo já foi queimada pelo sol, com coloração aproximada do cinza.

Paçoca: Comida feita à base de farinha de mandioca socada no pilão com temperos e carne seca.

Paiol: Local das fazendas onde são armazenados os grãos.

Pisaduras: Nome pelo qual eram chamadas as feridas causadas nos muares pelas cangalhas.

Polaque: Semelhante a um pequeno sino, normalmente quadrado, que ficava pendente no pescoço do animal madrinheiro, com o objetivo de tornar sua presença perceptível aos demais animais, com a finalidade de se manter o grupo unido, facilitando o trabalho do tocador de burro (funcionário do tropeiro).

Posto de registro: Pontos de controle e fiscalização implantados pela coroa portuguesa, no Brasil colonial, ao longo de estradas, para cobrança

de impostos e para evitar o contrabando de mercadorias, ouro e pedras preciosas.

Porto Estrela: Local onde funcionava um dos principais portos utilizados para o escoamento da produção mineradora do Brasil no século XVIII e onde chegavam as mercadorias vindas do exterior para serem comercializadas na colônia. Era local de início do Caminho Novo e onde muitos tropeiros se reuniam para entrega e coleta de mercadorias. Estava localizado na Baía de Guanabara, no atual município de Magé/RJ.

Quarta: Caixa de madeira utilizada pelos tropeiros para medir o volume de mercadorias e correspondia a dez pratos ou 20 litros. O prato era outra caixa de medida que servia como referência para as demais medidas e equivalia a 2 litros. Essas caixas eram utilizadas para medir feijão, milho, arroz, farinha, entre outros produtos.

Rancho de tropas: local utilizado pelos tropeiros para descansar, dormir, cozinhar e onde seus produtos eram guardados e comercializados.

Real Extração de Diamantes: organização administrativa que controlava a forma de extração e comercialização do diamante, vigente entre 1771 e 1845. (IPHAN, s.d)⁷

Ruça/o: Coloração do pelo do cavalo, aproximadamente pardo claro.

Serra do Espinhaço: Conjunto de serras formando uma cordilheira que se inicia em Ouro Branco/MG e vai até a Chapada Diamantina/BA, com afloramentos rochosos de quartzito. É uma área de grande importância ecológica, sendo considerada uma das regiões de maior biodiversidade do Brasil.

Silião: Sela utilizada por mulheres para montar os animais de forma que as duas pernas ficassem do mesmo lado do animal, permitindo o uso de saias.

Sol das almas: Sol avermelhado, típico do final do dia, antes de se pôr no horizonte.

Tarugo: Barra de ferro maciço.

Tenaz: Ferramenta parecida com um alicate, usada para apreender e manusear objetos metálicos quentes à distância e, por isso, é dotada de longos cabos, sendo feita de material capaz de resistir a temperaturas elevadas. Muito utilizada por ferreiros e serralheiros.

Tenda: Oficina onde se fabricavam, de forma artesanal, utensílios e ferramentas à base de ferro. Local de trabalho do ferreiro.

⁷ * <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1647/>

Tocador de tropa: Membro da tropa responsável pela carga, descarga e preparo dos animais para as viagens.

Tomar hábito: Hábito é a veste religiosa utilizada pelas comunidades monásticas. O termo tomar hábito era comumente utilizado para designar aquele ou aquela que estuda para se tornar freira, frade, monge ou monja.

Tordilho: Coloração do pelo do cavalo, variando entre o branco e o cinza.

Trempe: É um conjunto formado por três peças de ferro, articuladas de modo a serem dobradas e facilitar o seu transporte. Eram utilizadas para pendurar utensílios (panelas, chaleiras, coadores) para o preparo das refeições, sendo feito o fogo-de-chão sob a trempe.

Tropa: Sistema de transporte composto por muares que levavam mercadorias para serem comercializadas nos mais diversos locais do Brasil.

Unguento: medicamento rudimentar, de uso externo, feito à base de gordura e plantas medicinais, para diminuir a dor ou a inflamação.

‘Velho’ ou veio: Nome como era chamada a comida feita pela manhã pelo cozinheiro da tropa para alimentar seus membros antes da partida, e cujo resto que sobrava era colocado em um recipiente e levado com os tropeiros para comer durante o trajeto. Era comum utilizar a expressão “bater o veio”, que significava comer aquela comida que sobrou da refeição feita pela manhã.

Verga: Um ferro mais fino, no qual se trabalhava para fazer ferradura, corrente, colher de ferro, alavanca e várias coisas que as pessoas pediam.

Zurrar: Emitir sons típicos dos muares.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Caça-palavras - Tropeiro

B	N	H	E	A	T	R	O	C	P	O	B
A	M	B	R	U	A	C	M	T	A	A	R
L	A	F	I	E	E	U	E	T	N	E	E
A	D	E	*	C	I	N	I	G	E	E	O
N	R	R	C	Ç	Ã	D	A	A	L	E	L
Ç	I	R	I	R	O	L	*	D	A	R	U
A	N	I	N	E	H	Q	Q	I	*	R	I
*	H	H	C	A	U	Q	U	W	C	A	R
D	E	Q	E	A	U	A	A	M	I	D	E
E	I	T	R	E	F	A	R	*	G	U	I
*	R	I	R	F	O	R	T	I	A	R	O
M	A	T	O	R	E	T	A	N	N	A	L
Ã	I	C	A	N	G	A	L	H	A	E	R
O	A	R	S	O	G	A	R	E	A	L	L

Encontre (na horizontal, vertical ou diagonal) as seguintes palavras relacionadas aos tropeiros:

CANGALHA MEIA QUARTA BALANÇA DE MÃO
 CINCERRO MADRINHEIRA PANELA CIGANA

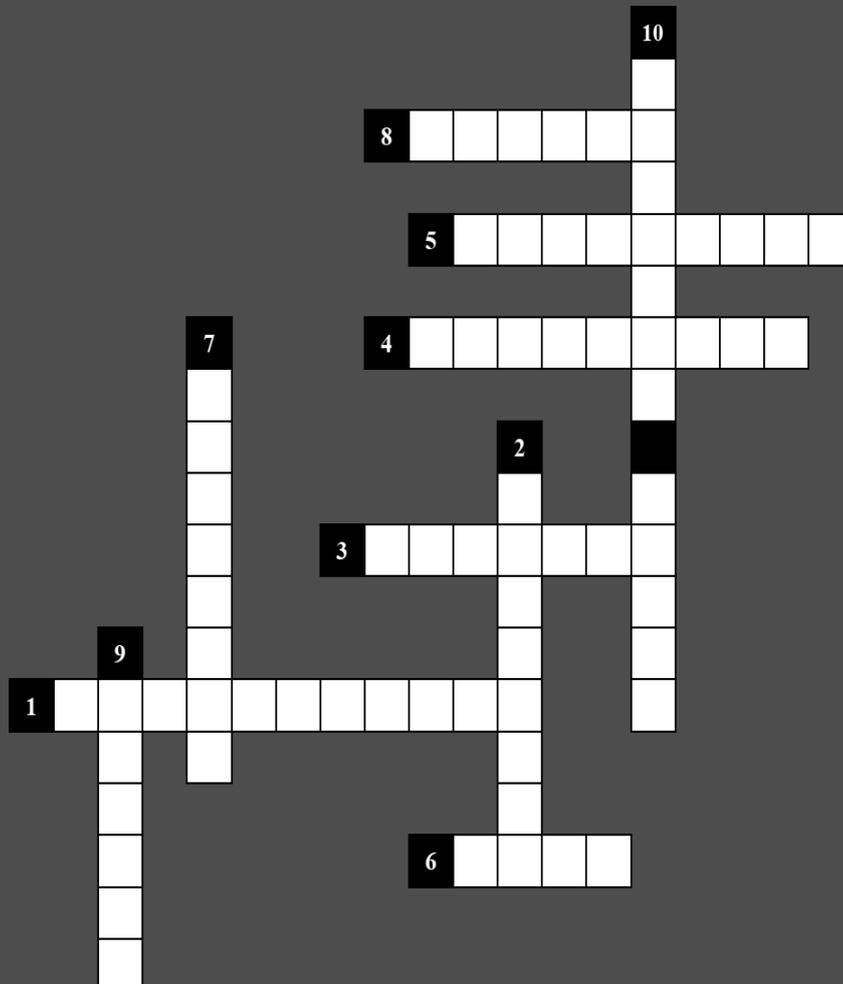
Caça-palavras - Ferreiro

H	M	O	L	R	R	I	O	F	I	C	A
R	D	L	I	N	S	T	O	D	U	N	F
L	H	S	G	E	I	R	S	A	W	O	E
A	M	O	R	D	I	Ç	O	*	N	A	R
T	E	A	L	E	S	A	O	E	B	I	R
D	O	*	R	I	N	A	M	A	L	H	O
E	I	V	O	R	U	Z	R	D	O	U	*
F	A	Ç	O	T	E	N	A	Z	Q	U	À
I	U	G	A	T	U	T	I	V	A	R	*
A	I	R	E	I	C	H	A	V	E	N	B
B	E	T	O	B	I	A	B	A	V	E	R
T	E	S	T	I	A	N	U	N	O	T	A
E	S	T	O	U	Ç	U	*	I	V	A	S
R	E	D	U	T	A	Ç	F	O	L	E	A

Encontre (na horizontal, vertical ou diagonal) as seguintes palavras relacionadas aos ferreiros:

BIGORNA FERRO À BRASA MALHO TENAZ
 CHAVE FOLE MARRETA

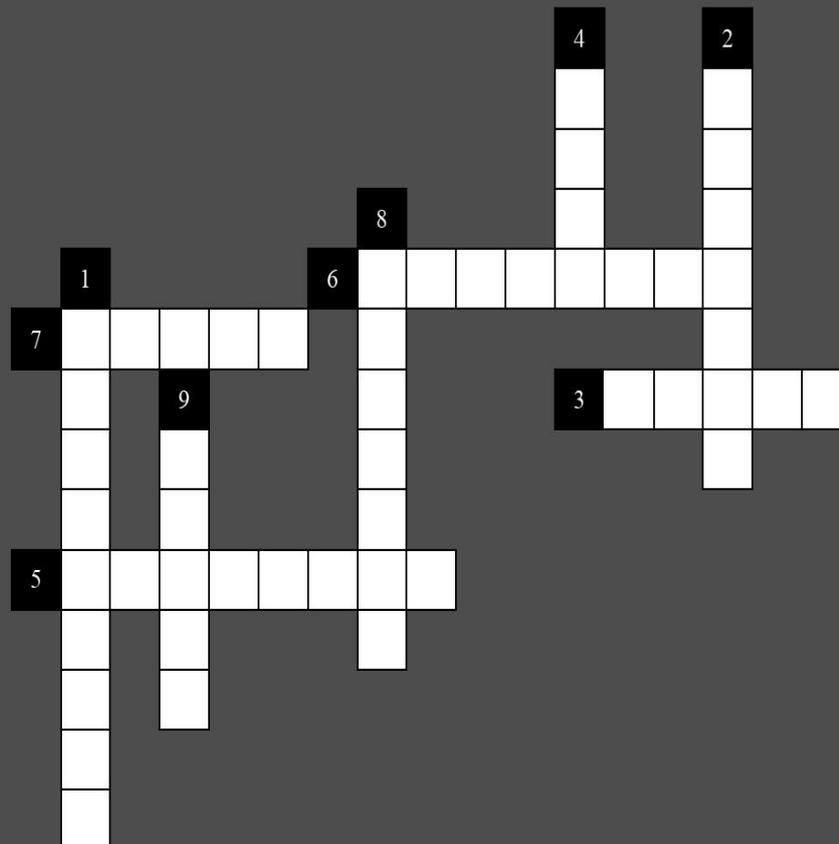
Palavras Cruzadas - Tropeiro



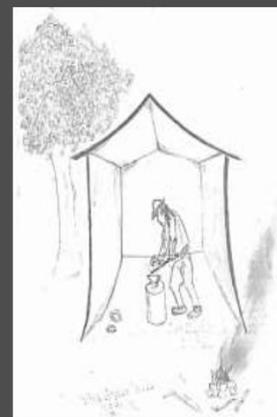
1. Égua que está sempre na dianteira da tropa.
2. Artefato de madeira ou metal usado para pendurar as cargas da tropa.
3. Pequeno sino, normalmente quadrado, usado como referência para os animais se manterem reunidos.
4. Objeto colocado nas patas dos muares.
5. Encarregado do proprietário que conduzia a tropa, negociava e a chefiava na ausência deste. Também chamado de arrieiro.
6. Alimentos comumente transportado pelos tropeiros em Minas Gerais.
7. Nome dado ao dono da tropa que popularmente se estendeu a todos seus membros.
8. Haste de ferro com três pés usado para apoiar panelas sobre o fogo.
9. Estrutura colocada sobre o cavalo para facilitar a montaria.
10. Atual nome popular do lugar onde acontecia o comércio com os tropeiros em Diamantina.



Palavras Cruzadas - Ferreiro

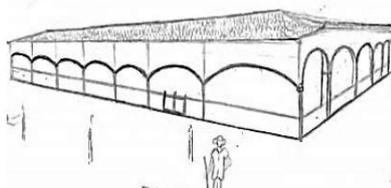
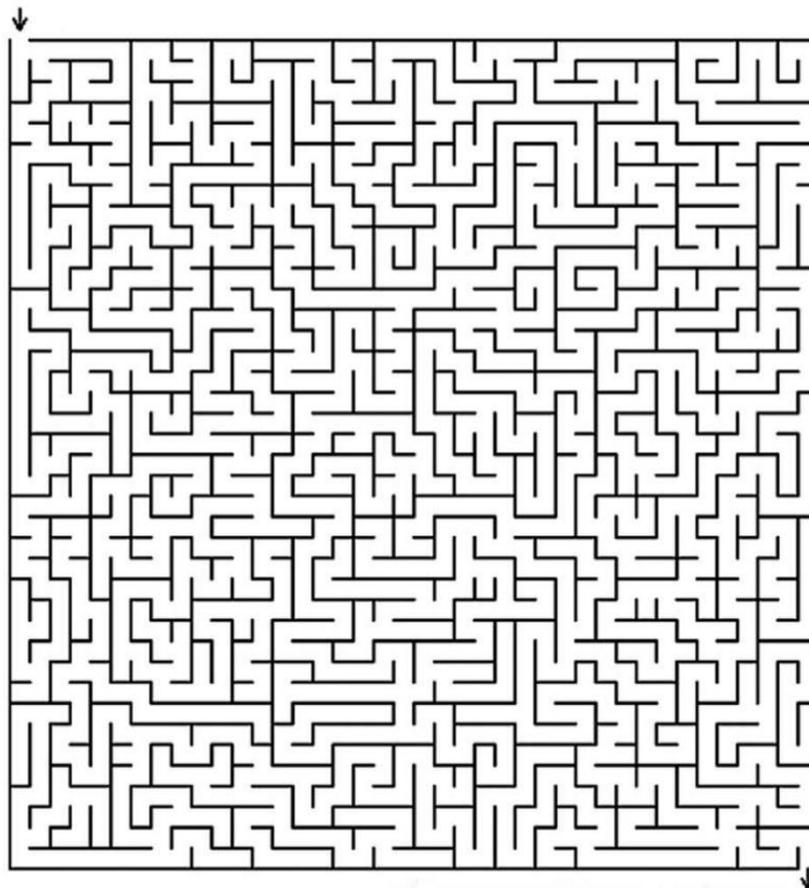


1. Artefato feito pelo ferreiro e usado nas patas dos muares das tropas.
2. Objeto pesado utilizado pelos ferreiros para apoiar as peças durante a molda.
3. Alicates de cabo grande usado para manusear objetos metálicos quentes à distância.
4. Instrumento para produzir correntes de ar e aumentar a temperatura na forja.
5. Importante peça feita pelos ferreiros e utilizada no garimpo.
6. Aquele que produz artefatos de ferro martelando-os à mão.
7. Ferramenta feita pelo ferreiro usada para roçar pasto.
8. Local onde o ferro era trabalhado desde a pedra bruta.
9. Artefato de ferro utilizada para prender a ferradura no casco dos muares.



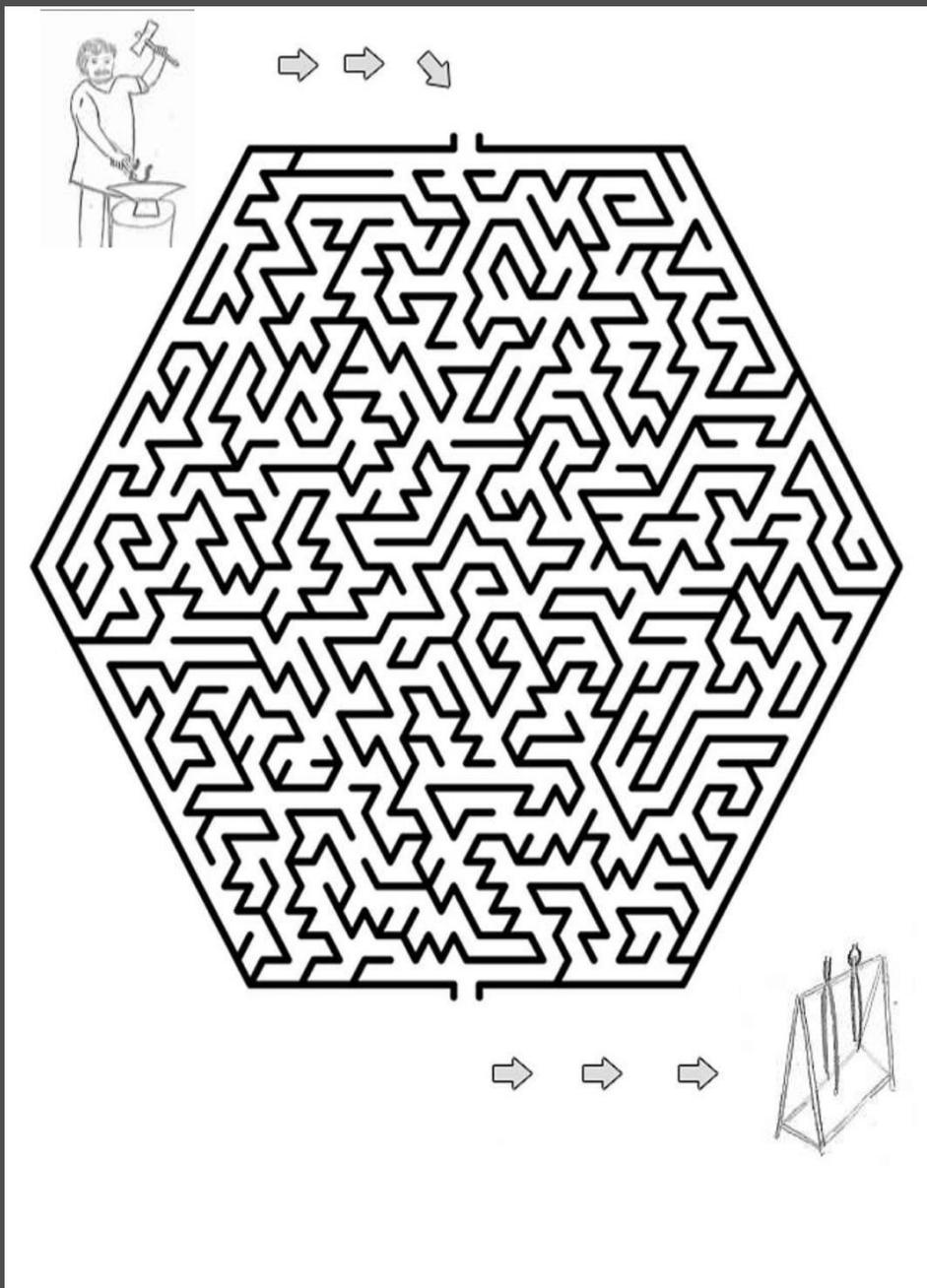
Labirinto - Tropeiro

Ajude o burrinho a levar sua carga até o Rancho de Tropas (atual Mercado Velho de Diamantina).

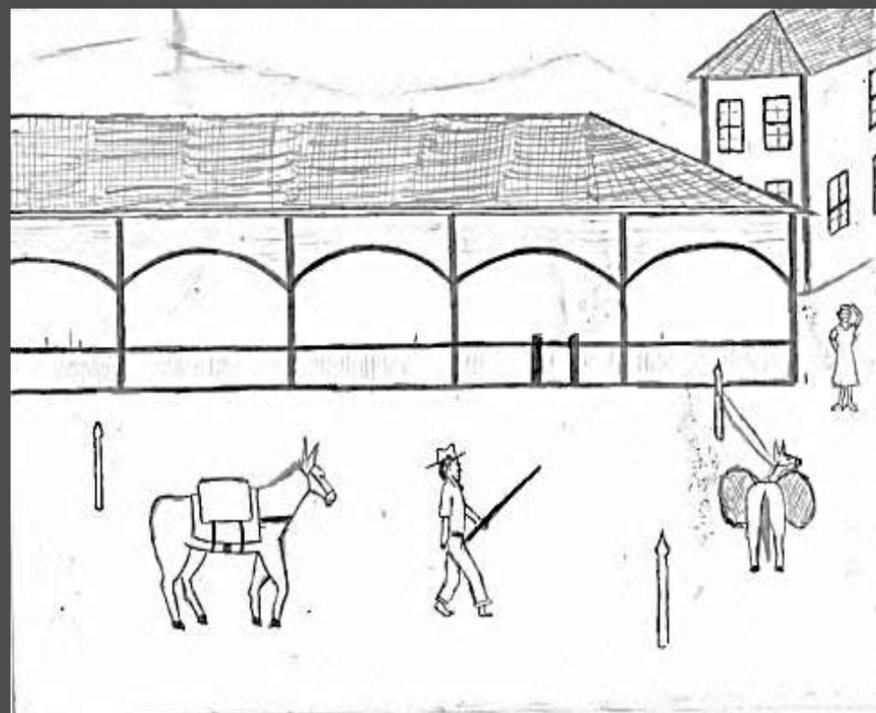
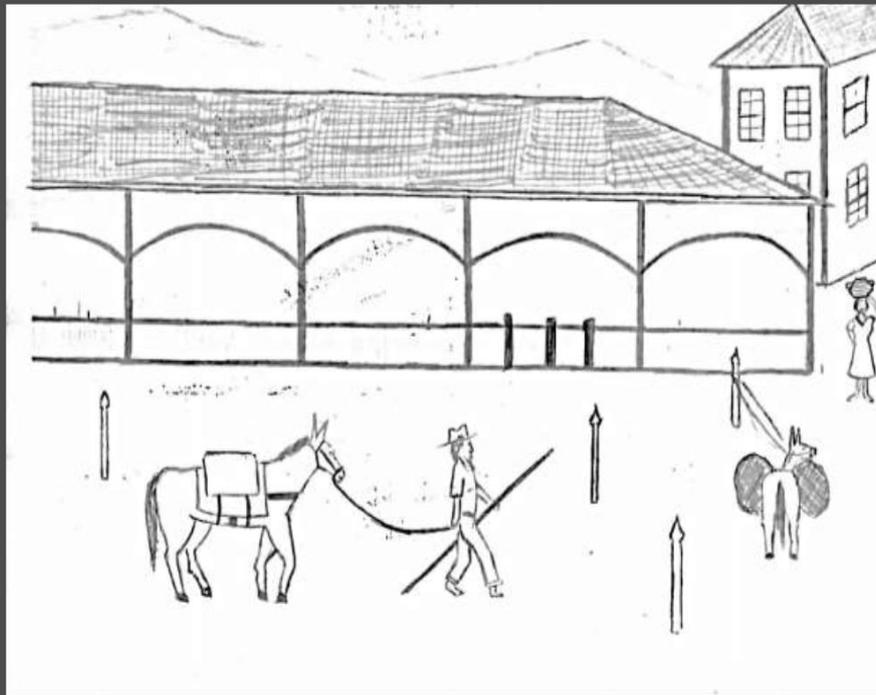


Labirinto - Ferreiro

Ajude o ferreiro a encontrar suas ferramentas de trabalho.



Jogo dos 7 Erros - Tropeiro



Jogo dos 7 Erros - Ferreiro



Respostas

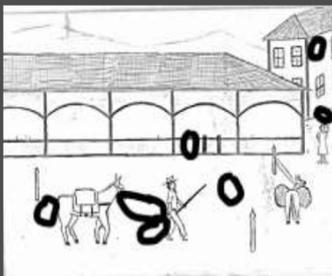
Caça-palavras - Tropeiro

B	N	H	E	A	T	R	O	C	P	O	B
A	M	B	R	U	A	C	M	T	A	A	R
L	A	F	I	E	E	U	E	T	N	E	E
A	D	E	*	C	I	N	I	G	E	E	O
N	R	R	C	Ç	Ã	D	A	A	L	E	L
Ç	I	R	I	R	O	L	*	D	A	R	U
A	N	I	N	E	H	Q	Q	I	*	R	I
*	H	H	C	A	U	Q	U	W	C	A	R
D	E	Q	E	A	U	A	A	M	I	D	E
E	I	T	R	E	F	A	R	*	G	U	I
*	R	I	R	F	O	R	T	I	A	R	O
M	A	T	O	R	E	T	A	N	N	A	L
Ã	I	C	A	N	G	A	L	H	A	E	R
O	A	R	S	O	G	A	R	E	A	L	L

Palavras Cruzadas - Tropeiro

1. Madrinheira
2. Cangalha
3. Polaque
4. Ferradura
5. Almocreve
6. Café
7. Tropeiro
8. Trempe
9. Arreio
10. Mercado Velho

Jogo dos 7 Erros - Tropeiro



Caça-palavras - Ferreiro

H	M	O	L	R	R	I	O	F	I	C	A
R	D	L	I	N	S	T	O	D	U	N	F
L	H	S	G	E	I	R	S	A	W	O	E
A	M	O	R	D	I	Ç	O	*	N	A	R
T	E	A	L	E	S	A	O	E	B	I	R
D	O	*	R	I	N	A	M	A	L	H	O
E	I	V	O	R	U	Z	R	D	O	U	*
F	A	Ç	O	T	E	N	A	Z	Q	U	Ã
I	U	G	A	T	U	T	I	V	A	R	*
A	I	R	E	I	C	H	A	V	E	N	B
B	E	T	O	B	I	A	B	A	V	E	R
T	E	S	T	I	A	N	U	N	O	T	A
E	S	T	O	U	Ç	U	*	I	V	A	S
R	E	D	U	T	A	Ç	F	O	L	E	A

Palavras Cruzadas - Ferreiro

1. Ferradura
2. Bigorna
3. Tenaz
4. Fole
5. Alavanca
6. Ferreiro
7. Foice
8. Fábrica
9. Cravo

Jogo dos 7 Erros - Ferreiro



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Américo. **Do Diamante ao Aço: o ilustrado Intendente Câmara e a verdadeira história da primeira fábrica de ferro do Brasil**. Alameda Editora; 2. Edição. São Paulo, 2018.

IPHAN. **Mestres Artífices de Minas Gerais: cadernos de memória**. Coordenação de Leonardo Barci Castriota. – Brasília/DF, 2012.

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1647/>. Acesso em 10/11/2021.

MUSEU DO BRINQUEDO. Disponível em: <https://musedosbrinquedos.wordpress.com/>. Acesso em: 11/11/2021.

SAINT-HILAIRE. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz**, Ed. Nacional. Rio de Janeiro, 1937.

SAINT-HILAIRE. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Ed. Nacional, Rio de Janeiro, 1938.

SANTOS, Joaquim Felício. In. **O MUNICÍPIO**. S.D. Acervo da Biblioteca Antônio Torres, IPHAN Diamantina.

SATHLER, Evandro Bastos. **Tropeiros & Outros Viajantes**. PPGSD-UFF/ Edição do Autor, 2º ed., Niterói, 2004.

TONICO E TINOCO. **Parada dos Tropeiros**. S.D. Disponível em <https://www.letras.mus.br/tonico-e-tinoco/parada-dos-tropeiros/>. Acesso em: 25/11/21.



Memorial
TROPEIRO E FERREIRO



PROEXC



PREFEITURA MUNICIPAL
DIAMANTINA - MG
ADM. 2021/2024
Nosso Maior Patrimônio é Você!